

7.

Aspectos da espiritualidade de santa Teresa de Jesus

No sétimo capítulo de nossa pesquisa, daremos ênfase à alguns aspectos da vida espiritual de santa Teresa de Jesus. O critério utilizado para os pontos abordados já nos encaminha para a última parte de nossa pesquisa, quando faremos um diálogo entre a espiritualidade teresiana e aquela de santo Aníbal Maria Di Francia. Com esta finalidade escolhemos tratar dos seguintes temas: a piedade eucarística de santa Teresa de Jesus, sua devoção a Maria e a oração pelos bons operários em seu itinerário espiritual.

Trataremos de sua piedade eucarística levando em conta seu itinerário formativo no que diz respeito a eucaristia, a fundamentação cristológica que a conduziu na intimidade com o Santíssimo Sacramento, os fenômenos místicos em torno da santa comunhão, sua missão de fundadora e o espaço da Eucaristia nesse apostolado. Trataremos de suas últimas palavras ao receber o viático e do quanto dizem de sua vida eucarística e do quanto neste Sacramento encontrou o caminho para a união definitiva com o Esposo.

Na sequência deste capítulo trabalharemos a piedade mariana em santa Teresa. Veremos que seu amor à Virgem está alicerçado em sua vida familiar e o quanto foi crescendo e amadurecendo na vida carmelita. Toda a intimidade com Maria está unida a seu Amor a Jesus Cristo e a partir de suas experiências cristológicas podemos contemplar e compreender seu amor e sua vida de serviço à Senhora do Carmo, bem como as mariofanias em seu percurso espiritual.

Concluimos o capítulo apresentando alguns aspectos da vocação carmelita sobre a oração pelos sacerdotes. Veremos que a santa Madre Teresa dá grande valor a esses operários da messe do Senhor e pede que suas monjas consagrem suas vidas e dediquem constantes orações pela santificação dos mesmos. Suas experiências pessoais a levaram a experimentar o quanto sofrem os fiéis pela escassez de padres santos que possam ser testemunho e força de santificação para toda a Igreja, por isso, não cansa de motivar a oração, com a finalidade da salvação deles próprios e da messe que lhes era confiada. Vemos aqui um profundo encontro com o carisma e a espiritualidade de santo Aníbal Maria.

7.1.

Santa Teresa de Jesus e a eucaristia

7.1.1.

A formação eucarística na vida de santa Teresa de Jesus

Adentraremos agora no mistério da eucaristia na vida de santa Teresa de Jesus. De acordo com T. Alvarez¹, podemos abordar a temática a partir de dois aspectos fundamentais: o da experiência e o da catequese prática. No seio familiar santa Teresa recebeu uma formação² ligada ao seu tempo, isto é, ao período pré-tridentino, participando de missas dominicais, comunhões da família durante o período pascal, procissões, solenidades populares e fortes dramatizações na festa de *Corpus Christi*. Não existem muitas evidências de que a eucaristia tenha tido grande destaque ao longo de sua infância e adolescência. Em seus escritos não vemos aflorar a lembrança de sua primeira eucaristia. Em sua autobiografia é necessário percorrer vários números para encontrarmos algumas menções ao Sacramento³. No entanto, em tempos fortes de sua vida ela recorre à eucaristia, como no momento em que retoma os sentidos logo após ser dada como morta no mosteiro da Encarnação.⁴

Destacamos na formação de santa Teresa alguns aspectos que podem estar na origem de seu itinerário eucarístico. Provavelmente possa ter tido acesso ao livro de Frei Diego de Guzmán “*Tratado da excelência do sacrifício da lei evangélica*”, que se encontrava na biblioteca de seu pai.⁵ Durante seu tempo de fundadora, possivelmente santa Teresa tinha o seu missal em castelhano, pois confirmam algumas de suas monjas de terem-na visto “no coro, oficiando a missa, ficar em pé com um missal pequeno nas mãos”.⁶ Certamente o livro a *Imitação de Cristo* teve uma forte influência sobre santa Teresa. Mesmo que ela nunca tenha feito menção direta ao “*Livro quarto: sobre o Sacramento do Altar*”, é certo que ela o leu e que algo do seu conteúdo influenciou quando escreveu alguns capítulos

¹ Cf. ALVAREZ, T., Eucaristia, p. 252-257.

² Cf. ROS, S., Eucaristía y experiencia mística en Santa Teresa, p. 466-470.

³ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 4,9; 5,4; 6,6; 7,11; 7,21.

⁴ Cf. Ibid., 5,10.

⁵ Cf. ALVAREZ, T., Cultura de mujer en el siglo XVI: el caso de Santa Teresa de Jesús, p. 26 passim; Cf. RODRÍGUEZ-SAN PEDRO, L. E., Libros y lecturas para el hogar de don Alonso Sánchez de Cepeda, p. 175.

⁶ Essa declaração foi feita por Juana de Jesús e Isabel de Jesús, monjas em Salamanca. Cf. BIBLIOTECA MÍSTICA CARMELITANA, Procesos de beatificación y canonización de Santa Teresa de Jesús, t. 18, p. 57; t. 20, p. 120.

de *Caminho de Perfeição*. Ela o menciona como um dos livros fundamentais da biblioteca de cada Carmelo.⁷ Neste contexto, grande ênfase merece o livro de Ludolfo de Saxonia, “*Vita Christi Cartuxano*”, que também santa Teresa cita como um dos mais importantes de se ter nas bibliotecas carmelitas.⁸ Esse último, pode ser a base para sua redação de *Relações* 26, onde diz que há mais de trinta anos vem comungando em todos os Domingos de Ramos, o que nos remete aos vinte e cinco anos de Teresa, período em que se encontrava em plena dificuldade de saúde.⁹

No mosteiro da Encarnação viveu a piedade eucarística própria da época para uma comunidade religiosa. Vemos santa Teresa falar da eucaristia em suas primeiras confidências quando se refere aos anos de iniciação na oração pessoal, quando monja no mosteiro da Encarnação, quando lutava contra as distrações e as dificuldades em suas meditações. Ela nos diz: “[...] eu não me atrevia a começar a orar sem livro, exceto quando acabava de comungar”.¹⁰ Segundo a *Regra do Carmelo*, a celebração da missa era ato comunitário por excelência, capaz de reunir pela manhã os eremitas espalhados na montanha do Carmelo. Desta maneira, no mosteiro onde ingressou santa Teresa, a missa era celebrada todas as manhãs, porém, receber a eucaristia não era algo comum para as religiosas, existiam datas específicas para isso:

Comungarão regularmente no primeiro domingo do advento, na natividade de nosso Senhor, no primeiro domingo da quaresma, na quinta-feira santa, no dia da Páscoa seguinte, no dia da ascensão, na páscoa do Espírito Santo, no dia de Corpus Christi, na festa de todos os santos, nas festas de Nossa Senhora, no dia em que recebem o hábito, no dia que fazem a profissão [...] Porém se Nosso Senhor der devoção ao convento, ou a maior parte, de querer comungar mais frequentemente, poderão fazer a partir do conselho do confessor e da licença da priora.¹¹

O que vimos descrito acima devia ser a prática comum de santa Teresa até o mal que sofreu em 15 de agosto de 1539, quando permaneceu quatro dias em coma e ao acordar comungou entre lágrimas.¹² Na ocasião tinha 24 anos e narra ter permanecido em estado de grande sofrimento físico por mais oito meses, até a

⁷ Cf. SANTA TERESA, *Constituições*, 2,7.

⁸ Cf. *Ibid.*, 2,7.

⁹ Cf. ALVAREZ, T., *Eucaristia*, p. 252-253.

¹⁰ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 4,9.

¹¹ Cf. BIBLIOTECA MÍSTICA CARMELITANA, *Procesos de beatificación y canonización de Santa Teresa de Jesús*, t.9, p. 485.

¹² Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 5,10.

“Páscoa Florida”, em 06 de abril de 1540, continuando o processo de recuperação por quase três anos.¹³ A partir de então optou por confessar e comungar com mais frequência¹⁴ o que também lhe custou, devido ao seu estado de saúde e aos vômitos frequentes que tinha pela manhã. Para poder comungar com mais frequência precisava provocar os vômitos à noite, o que lhe trazia grande sofrimento.¹⁵

A frequência nos sacramentos foram seus meios para superar as tentações e a mediocridade espiritual, na grande luta em tratar com Deus e com o mundo.¹⁶ Quando morreu seu pai, em 1543, e se propôs a uma revisão radical de vida, o novo confessor, Padre Vicente Barrón, a incentivou a “comungar de quinze em quinze dias”¹⁷. Esse novo impulso de sua piedade eucarística vai encorajar a vida espiritual de santa Teresa durante os duros anos até 1554, entre os 29 e 39 anos de idade. Na medida em que cultivava a vida de oração, a comunhão foi se convertendo no momento mais intenso de seu encontro com o Senhor: “[...] quando comungava, certa de que o Senhor estava dentro de mim, pondo-me a Seus pés, por ter a impressão de que as minhas lágrimas não seriam desdenhadas [...]”.¹⁸ Em *Caminho de Perfeição* nos dirá:

Também é do meu conhecimento que essa pessoa, durante muitos anos, embora não fosse muito perfeita, quando comungava, tentava reforçar a fé, agindo como se visse com os olhos corporais o Senhor entrar em sua casa; e, como acreditava que o Senhor de fato entrava em sua pobre morada, ela desimpedia o pensamento de todas as coisas exteriores, no limite de suas possibilidades, e entrava junto com Ele. Procurava recolher os sentidos para que estes compreendessem que grande bem recebiam, quer dizer, para que não atrapalhassem a alma quando esta buscava conhecê-Lo. Ela se imaginava aos pés do Senhor e chorava como Madalena, como se O visse com os olhos do corpo na casa do fariseu; porque, embora não sentisse devoção, tinha pela fé a impressão de que Ele de fato estava presente na sua alma.¹⁹

Neste período, surge no mosteiro da Encarnação, um grupo de devotas do Santíssimo Sacramento, chamado a “Companhia do *Corpus*”, com regras e práticas específicas. Teresa participava desta Companhia, que podemos dizer ser uma sementeira fecunda que produziu bons frutos na devoção eucarística de nossa

¹³ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 6,1.

¹⁴ Cf. Ibid., 6,4.

¹⁵ Cf. Ibid., 7,11.

¹⁶ Cf. Ibid., 6,4.7.

¹⁷ Cf. Ibid., 7,17; 9,12.

¹⁸ Ibid., 9,2.

¹⁹ Id., *Caminho de Perfeição*, 34,7.

santa doutora.²⁰ Veremos que sua vida foi rica em experiências místicas em torno da eucaristia.

7.1.2.

Eucaristia e experiências místicas

No capítulo anterior vimos que a experiência mística de santa Teresa teve alicerce em sua intimidade com o mistério de Cristo²¹ e em especial com sua Sagrada Humanidade²². Diante dessa realidade compreendemos que a eucaristia compõe o contexto de sua piedade cristológica. O primeiro passo para entender sua piedade eucarística é descobrir sua paixão, seu enamoramento por Cristo, por sua Humanidade. É pelo Cristo apresentado nos evangelhos, que é Deus e Homem, que ela se enamora e a quem entrega o coração.²³ Cristo Homem se faz companheiro na eucaristia²⁴ e com Ele estabelecerá intimidade, buscará a união definitiva, vendo realizar-se essa graça na comunhão eucarística, como veremos adiante inclusive nas testemunhas que a acompanharam até a hora da morte. A eucaristia está integrada à sua piedade cristológica.

Precisamos levar em conta que sua vida muda radicalmente quando inicia suas experiências místicas, a partir da conversão de 1554.²⁵ Como vimos, é possível que neste período ela já fizesse a comunhão diária, o que seria uma peculiaridade em seu contexto comunitário e frente ao estado de sua saúde.²⁶ Um de seus primeiros biógrafos assim escreveu:

Antes de sair da Encarnação para fundar mosteiros, comungava sozinha todos os dias [...], desde que ela começou a fazer isso, naquela casa não vigorava tal costume, em um primeiro momento a recebiam de tempos em tempos, e depois do seu exemplo se começou a buscar muito este Sacramento. Neste tempo nosso Senhor deu prova de desejar que ela comungasse todo dia, porque tendo entre outras doenças os vômitos diários, pela manhã e a noite, aquele da manhã passou imediatamente de tudo e não retornou mais, porém o da noite durou por toda a vida.²⁷

²⁰ Cf. ALVAREZ, T., Eucaristia, p. 252.

²¹ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, c. 27.

²² Cf. Ibid., c. 22.

²³ Cf. MAROTO, D. P., Espiritualidad eucarística según Santa Teresa de Jesús, p. 322-326.

²⁴ Cf. SANTA TERESA, op. cit., 22,6.

²⁵ Cf. ROS, S. Eucaristía y experiencia mística en Santa Teresa, p. 470.

²⁶ Cf. SANTA TERESA, op. cit., 7,11; 40,20.

²⁷ RIBERA, F., La vida de la Madre Teresa, p. 420. [TN]

Em seu percurso místico, diante de alguns confessores e teólogos, santa Teresa enfrenta acusações acerca da veracidade dos fenômenos que experimenta, chegando a ser interpretada como uma vítima do demônio. Nesses tempos alguns tentam afastá-la da comunhão frequente.²⁸ Isto deu-se entre 1558-1559, quando a sua piedade eucarística já havia se transformado em um fogo incandescente. Ao fim do *Livro da Vida* santa Teresa nos fala de seu profundo desejo da comunhão e apresenta um dos fenômenos místicos que lhe ocorreram junto a eucaristia:

Acometem-me por vezes uns anseios tão grandes de comungar que nem sei explicar. Certa manhã em que chovia muito, parecendo que o tempo não era bom para sair, estando eu fora do meu mosteiro, estava tão tomada por aquele ímpeto que, se apontassem lanças para o meu peito, creio que me atiraria contra elas, quanto mais contra a água. Chegando à igreja, veio-me um grande arrebo [...].²⁹

E após narrar a experiência realizada, falará das consequências em sua vida:

Comunguei e assisti a missa, nem sei como. Pareceu-me que só se passara pouco tempo. [...] Mais tarde, eu me maravilhava ao ver como, vindo o fogo do verdadeiro amor de Deus, pois parece vir de cima [...] o homem velho é totalmente consumido com as suas faltas, fraquezas e misérias.³⁰

No término do *Livro da Vida*, santa Teresa narra diversas graças eucarísticas que recebeu.³¹ Ainda em outros escritos relata as graças místicas recebidas a partir da eucaristia.³² Vejamos o acontecido na liturgia eucarística do Domingo de Ramos, quando experimenta em seus lábios o Sangue do Senhor:

No dia de Ramos, acabando de comungar, entrei em grande suspensão, de modo que nem podia engolir a Espécie, e, tendo-A na boca, senti verdadeiramente, ao voltar um pouco a mim, que toda ela se enchera de sangue. Parecia-me que o rosto e todo o meu corpo também estavam cobertos dele, como se então o Senhor acabasse de derramá-lo. Parecia-me que estava quente e que era excessiva a suavidade que eu sentia. E disse-me o Senhor: “Filha, Eu quero que o Meu sangue te seja de proveito, e que não tenhas medo de que a Minha misericórdia te falte. Eu o derramei com muitas dores, e tu, como vês, gozas dele com tão grande deleite; bem te pago o convite que me fazia neste dia”.³³

É no momento da comunhão que recebe a graça que a introduz às sétimas moradas:

²⁸ Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 25,14-15.

²⁹ *Ibid.*, 39,22.

³⁰ *Ibid.*, 39,23.

³¹ Cf. *Ibid.*, 38,9-10; 38,19.23.30.31.

³² Cf. *Id.*, *As Relações*, 1,23.

³³ *Ibid.*, 26.

Estando eu na Encarnação, [...] em comunhão, [...] Disse-me Sua Majestade: “Não tenhas medo, filha, que alguém tenha poder para afastar-te de Mim”. [...] Então o Senhor me foi representando numa visão imaginária, como em outras vezes, bem no meu íntimo; dando-me Sua mão direita, disse-me: “Olha este prego, que é sinal de que serás Minha esposa de hoje em diante. Até agora não o tinhas merecido; doravante, defenderás Minha honra não só como Criador, como Rei e como teu Deus, mas como verdadeira esposa Minha: Minha honra é a tua, e a tua, Minha”.³⁴

Santa Teresa faz particular experiência do mistério e da real presença do Senhor na eucaristia. Ela assim escreve: “Ele vem por vezes com tanta majestade que não há quem possa duvidar de que se trata do próprio Senhor, em especial quando acabamos de comungar, pois já sabemos que está ali, visto que a fé assim nos diz”.³⁵ E assim como experimentou seu Sangue derramado, também experimentou a grandeza do Senhor Ressuscitado e Glorificado escondido sob o sinal sacramental: “Ao me aproximar para comungar, eu me lembrava da imensa Majestade que vira e me dava conta de que era Ele que estava no Santíssimo Sacramento. [...] Ainda mais que em muitas ocasiões o Senhor ainda permite que eu O veja na hóstia”.³⁶ Experimenta a beleza do Senhor na eucaristia, sua formosura, sua presença majestosa a conduzir sua vida:

Ó riquezas dos pobres! Como sabeis admiravelmente sustentar as almas! E, sem que elas vejam tão grandes riquezas, pouco a pouco as ides mostrando! Assim, quando vejo, desde aquela visão, uma tão grande Majestade oculta em coisa tão pequena como uma hóstia, não posso deixar de me admirar com tão grande sabedoria. Nem imagino como ousaria me aproximar do Senhor se Ele, que me deu e ainda me dá muitas graças, não me infundisse força e coragem. [...] Pois que sente uma miserável como eu, cheia de abominações e que com tão pouco temor de Deus tem desperdiçado sua vida, ao ver aproximar-se de si este Senhor de tão imensa majestade quando Ele quer que minha alma O veja? Como pode tocar aquele corpo gloriosíssimo, cheio de pureza e carregado de piedade uma boca que tantas palavras proferiu contra Ele? O amor que aquele rosto tão formoso revela com tamanha ternura e afabilidade traz à alma muito mais mágoas e aflições por não tê-Lo servido do que temor da Majestade que nele vê.³⁷

Os fenômenos místicos com a eucaristia estão presentes nas narrativas de sua autobiografia³⁸ e estão intimamente ligados à sua cristologia³⁹. Para santa Teresa a eucaristia é mistério de comunhão e princípio de união. Sugere a comunhão como um processo de interiorização, pois, comungando, a

³⁴ SANTA TERESA, *As Relações*, 35.

³⁵ Id., *Livro da Vida*, 28,8.

³⁶ Ibid., 38,19.

³⁷ Ibid., 38,21.

³⁸ Cf. Id., *Caminho de Perfeição*, 34,6-7.

³⁹ Cf. MAROTO, D. P., *Vida eucarística de santa Teresa en el siglo de las reformas*, p. 7-18.

conformação a Cristo vai se dando na sua vida, ao ponto de poder afirmar com o apóstolo: “Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo quem vive em mim”.⁴⁰

Para ela a união com Cristo é algo de grande relevância. Trata-se da essência da santidade. Assim, a eucaristia é o “centro de gravidade” da santidade do cristão e da conformação a Cristo que se dá pela participação neste sacramento.⁴¹ A eucaristia é teofania, é manifestação suprema de Cristo e do seu amor, que se revela a quem muito o deseja.⁴² Santa Teresa compreende que a eucaristia é o único bem que se pode oferecer ao Pai. Somente essa oferta pode compensar todos os males e ultrajes dos quais o ser humano é capaz. Tendo Ele nos doado esse Dom, nós o devolvemos pelo bem da Igreja:

[...] que posso fazer, Criador meu, além de Vos apresentar esse Pão sacratíssimo e, mesmo tendo-O recebido de Vós, devolvê-Lo a Vós? Eu vos suplico, pelos méritos do Vosso Filho, que me concedais essa graça, pois Ele de muitos modos a mereceu. Fazei, Senhor, e depressa, que se acalme esse mar! Que a nave da Igreja não fique sempre em meio à tormenta; e salvai-nos, Senhor meu, que perecemos.⁴³

Em seu leito de morte, no dia 03 de outubro de 1582, as três horas, Madre Teresa pede o viático, manifestando o desejo de receber os sacramentos da Igreja e renovar a união com o Esposo estabelecida em sua vida há tanto tempo. Quer terminar sua vida como a esposa em comunhão com o Esposo Jesus Cristo, presente no Santíssimo Sacramento. Faz desse momento mais uma oportunidade de breves aconselhamentos e o aproveita para mais um testemunho de humildade e perdão. Quer morrer totalmente reconciliada e em comunhão espiritual com suas filhas, para que a comunhão com Cristo seja total e venha da humildade e do amor, de uma alma reconciliada e perdoada.⁴⁴ Mesmo privada de forças, ao aproximar-se o Santíssimo de sua cela, começa a dialogar em voz alta com seu Senhor, dizendo:

Senhor e Esposo meu! Já é chegada a hora tão desejada! Tempo é já que nos vimos, Amado meu e Senhor meu! Já é tempo de caminhar. Vamos muito felizes!

⁴⁰ Gl 2,20.

⁴¹ Cf. ALVAREZ, T., Eucaristia, p. 256.

⁴² Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 34,10.12.

⁴³ Cf. Ibid., 35,5.

⁴⁴ Cf. CASTELLANO, J., “Ya es hora, esposo mio, que nos veamos”: el “maranatha” de la Madre Teresa y su última Eucaristía, p. 576-577.

Cumpra-se vossa vontade. Já é chegada a hora em que eu saia deste desterro e minha alma goze de Vós, que tanto desejei.⁴⁵

Vemos no fim de sua vida o eco de tudo o que viveu intensamente em cada eucaristia.⁴⁶ Ao receber o viático das mãos de Padre Antonio de Jesús, santa Teresa recita sua última oração eucarística. É como sua última “*Exclamação*”, em palavras cheias de amor, interrompidas para poder receber o Esposo. Esse encontro traz a paz, a tranquilidade do desejo realizado e a certeza de que a comunhão eucarística seguirá como um encontro sem véus e de glória com o Amado.⁴⁷

7.1.3.

O amor à eucaristia no apostolado teresiano

Vimos no itinerário de santa Teresa que a eucaristia foi fonte de importantes eventos de sua história de salvação. Na intimidade com Cristo, ao tornar-se sua carne a Carne do Senhor, seu sangue o Sangue do Senhor, sua vida a Vida de seu Senhor, pois sabemos que, “a nossa participação no corpo e no sangue de Cristo age de tal modo que nos transformamos naquele que recebemos”⁴⁸, ela assume como sua a missão do Esposo. Sua ação como fundadora é movida pela intimidade com o Senhor que se dá também através da eucaristia. Na sagrada comunhão encontrava-se sacramentalmente com a Sagrada Humanidade de Cristo: “Certo dia, depois da comunhão, Sua Majestade me ordenou expressamente que me dedicasse a esse empreendimento com todas as minhas forças, prometendo-me que o mosteiro não deixaria de ser feito e dizendo que ali seria muito bem servido”⁴⁹, para a qual e pela qual era movida em missão.

Podemos dizer que, como fundadora, santa Teresa era convicta que um novo mosteiro só estaria de fato fundado após a celebração da primeira missa e de ter posto na capela o Santíssimo Sacramento. Esta convicção vinha junto à ideia que

⁴⁵ EFRÉN DE LA M. DE DIOS, *Tiempo y vida de Santa Teresa*, p. 983.

⁴⁶ Cf. Podemos consultar: ALVAREZ, T. *Eucaristia*. In: ALVAREZ, T. *Dizionario di Santa Teresa*. Roma: OCD, 2016. p. 251-259. ORTEGA, G. *La eucaristia ahora y siempre: con Teresa de Jesus al fondo*. *Vida Religiosa*, v. 53, n. 6, p. 399-404, abril 1982. CASTELLANO, J. C. “Ya es hora, esposo mio, que nos veamos”: el “maranatha” de la Madre Teresa y su última Eucaristía. *Monte Carmelo*, v. 88, n. 3, p. 576-582, 1980.

⁴⁷ Encontramos uma descrição do momento eucarístico reconstruída com os testemunhos da época em: EFRÉN DE LA M. DE DIOS. *Tiempo y vida de Santa Teresa*. 2. ed. Madrid, 1977, p. 981-984.

⁴⁸ SÃO LEÃO MAGNO, PAPA, *Sermo 12: Cristo vivo em sua Igreja*, p. 353.

⁴⁹ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 32,11.

tinha da centralidade do Sacramento na vida religiosa. Em torno desta convicção viveu fortes dramas, como o narrado no terceiro capítulo do livro das *Fundações* por ocasião da fundação do mosteiro de Medina del Campo:

Quando chegamos à casa, entramos num pátio. Tive a impressão de que as paredes estavam muito arruinadas, mas não tanto quanto depois se viu à luz do dia. Pode-se dizer que o Senhor fechara os olhos do bendito padre para impedi-lo de ver quão inconveniente era pôr ali o Santíssimo Sacramento. [...] Eu não sabia o que fazer, pois bem via não ser aquele lugar próprio para um altar. [...] tanta foi a nossa pressa que, pela manhã, o altar estava pronto, a sineta estava no corredor e logo se disse a missa. Isso bastava para a tomada de posse, mas fomos além: pusemos o Santíssimo Sacramento.⁵⁰

Na continuidade da narrativa vemos nossa santa desolada ao perceber as condições às quais estava exposto seu Senhor:

Até então eu estava muito contente, porque é para mim um grandíssimo consolo ver uma igreja mais onde esteja o Santíssimo Sacramento. Mas a alegria durou pouco. Terminada a missa, fui a uma janela e olhei o pátio; não havia paredes sem partes desmoronadas. Eram trabalhos para muitos dias. Oh, valha-me Deus! Quando vi Sua Majestade posto assim na rua, num tempo tão perigoso como este que vivemos, por causa dos luteranos, que grande foi a angústia que me assolou o coração!⁵¹

É possível que quando relatou a fundação de Medina, acontecida em agosto de 1567, tivesse presente o episódio da profanação do Sacramento em Alcoy que deu-se em janeiro de 1568 e comoveu toda a Espanha, assim como o convite recebido pelo Bispo de Valenza, Giovanni de Ribera, para uma fundação no local da profanação. Entre esses acontecimentos, continua descrevendo suas angústias diante dos riscos aos quais era submetido seu Senhor⁵²:

Por mais que se procurasse, não se achou no lugar casa de aluguel, o que me fez passar noites e dias muito difíceis. Porque, mesmo deixando alguns homens encarregados do Santíssimo Sacramento, eu sempre me preocupava que eles adormecessem. Por isso, levantava-me durante a noite para vigiá-Lo por uma janela, pois o luar me permitia vê-Lo bem. Durante todos esses dias, acorriam muitas pessoas, que não apenas não consideravam mau ver Nosso Senhor outra vez num portal, como até tinham aumentada a sua devoção. Sua Majestade, como quem nunca se cansa de humilhar-SE por nós, não parecia querer sair dali.⁵³

⁵⁰ SANTA TERESA, *Fundações*, 3,8-9.

⁵¹ *Ibid.*, 3,10.

⁵² Cf. ALVAREZ, T., *Eucaristia*, p. 254.

⁵³ SANTA TERESA, *op. cit.*, 3,13.

Situações semelhantes aconteceram em várias outras fundações. T. Alvarez relata-nos que a fundação de Burgos foi a mais penosa de todas, pois o Arcebispo da cidade não permitiu que a casa onde residia santa Teresa e as monjas tivesse sua capela reformada para ter a missa cotidiana. Em função disso tinham que participar da missa na Igreja de “Nossa Senhora da Boa Manhã” ainda de madrugada para retornarem ao mosteiro em silêncio e enquanto ainda era escuro.⁵⁴ Em sua missão de fundadora, santa Teresa nos deixa entrever sua preocupação em fazer de seus mosteiros locais de encontro com Cristo no sacramento da eucaristia: “[...] é para mim um grandíssimo consolo ver uma igreja a mais onde esteja o Santíssimo Sacramento”.⁵⁵ E dirá ainda:

Pelo que me lembro, nunca deixei de fundar por temer sofrimentos, embora pelos caminhos, especialmente nos longos, sentisse muita contrariedade; mas ao começar a andar parecia ter pouca distância a percorrer, vendo a serviço de Quem fazia e considerando que, na casa a ser fundada, se haveria de louvar o Senhor e abrigar o Santíssimo Sacramento. É para mim um consolo especial ver mais uma igreja, ao lembrar das muitas que os luteranos destroem: não vejo que sofrimentos se haviam de temer, por maiores que fossem, em troca de um bem tão grande para a cristandade. Porque embora muitos de nós não se deem conta de estar Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, no Santíssimo Sacramento em muitos lugares, como Ele de fato o está, isso deveria ser para nós motivo de grande consolo.⁵⁶

Também em Palência santa Teresa nos diz que a presença do Santíssimo Sacramento é o suficiente para validar a fundação: “[...] porque, se não houvesse outra razão, já seria muito terem outra igreja no local onde está o Santíssimo Sacramento”.⁵⁷ T. Alvarez nos lembrará que nossa “santa andarilha” zelava para que os sacerdotes que a acompanhavam ao longo das viagens celebrassem cotidianamente a missa e cita o testemunho de Ana de Jesus:

Tinha grandíssimo cuidado que os sacerdotes que a acompanhavam em viagem para que por nenhum motivo se omitissem em dizer a missa diária. E [quando] um não encontrando o necessário para dizê-la a todos os presentes, faltando algo, dizia àqueles que nos acompanhavam: ‘Pedi a Deus de fazer-nos encontrar aquilo que falta para dizer esta Missa, porque me dói muito o pensamento que a Igreja pode estar hoje privada do valor deste sacrifício’.⁵⁸

⁵⁴ Cf. ALVAREZ, T., *Eucaristia*, p. 254.

⁵⁵ SANTA TERESA, *Fundações*, 3,10.

⁵⁶ *Ibid.*, 18,5.

⁵⁷ *Ibid.*, 29,27.

⁵⁸ ANA DE JESUS, apud. ALVAREZ, T., op. cit., p. 255. [TN].

Seu itinerário diante da eucaristia é de fé, amor e esperança escatológica. Possuí a consciência de que a eucaristia é o núcleo central do mistério eclesial, momento especial para o encontro de amizade com o Senhor e Esposo, que no Sacramento cobre com um véu até mesmo sua Sagrada Humanidade Glorificada. Podemos dizer que é a sua Páscoa cotidiana e refletirá atentamente sobre a importância da eucaristia em seus Carmelos. Em suas primeiras *Constituições* a missa cotidiana tinha lugar de destaque, sendo solenizadas aos domingos e nas festas. Diante do contexto não poderia aconselhar suas monjas à comunhão diária, no entanto, é notável que a frequência à comunhão cresceu muito em comparação a realidade vivenciada anteriormente no mosteiro da Encarnação.⁵⁹ Seu primeiro biógrafo nos dirá:

Tinha grandíssimo cuidado que tudo o que dissesse do serviço deste Sacramento fosse muito perfeito, belo e bem arranjando, como a igreja, o altar, os paramentos, os ornamentos, os cálices e os corporais, como se observa em todas os seus mosteiros, por mais pobres que sejam. E quando estava em companhia de grandes damas, e lhe faziam muitas ofertas, o que ela tinha desejo era pastilhas e perfumes para o Santíssimo Sacramento, e procurava que fossem dos melhores que existissem. [...] Da devoção que tem pelo Santíssimo Sacramento derivava a grande e visceral reverência que tinha pelos sacerdotes, porque são esses aqueles que o consagram. [...] Madre Teresa ordenou que cada monja comungue todos os anos no dia da própria vestição e no da profissão. E mesmo que isto não aparecesse nas *Constituições*, desejava que tivesse a mesma força como se estivesse.⁶⁰

Com a petição “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”, santa Teresa educa à piedade eucarística a comunidade e cada coirmã. Apresenta a eucaristia como o dom por excelência do Pai, que já não é o maná no deserto, mas seu próprio Filho a saciar a fome de quem O busca: “E só morreremos de fome por nossa própria culpa, porque, coma como comer desse alimento, a alma achará no Sacratíssimo Sacramento delícias e consolos”.⁶¹ A eucaristia é o prolongamento da presença de Cristo em meio a humanidade, sua presença no sacramento é o perfeito acesso para todos os tipos de oração e especialmente para unir-se e rezar com Ele e através dele ao Pai, pela Igreja.⁶²

Muitos outros aspectos poderiam ser tratados acerca da vida eucarística de Madre Teresa, no entanto, nosso objetivo é apontar para centralidade da eucaristia na vida de santa Teresa e como instruiu suas monjas a viverem este sacramento.

⁵⁹ Cf. SANTA TERESA, *Constituições*, 2,1.

⁶⁰ RIBERA, F., *La vida de la Madre Teresa*, p. 423-424. [TN].

⁶¹ SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 34,2.

⁶² Cf. *Ibid.*, c. 34.

Prossigamos nossa pesquisa conhecendo a piedade mariana de nossa santa doutora.

7.2.

A devoção mariana em santa Teresa de Jesus

7.2.1.

Maria na Ordem do Carmo

Na continuidade de nossa pesquisa apontaremos para um elemento que aproxima todos aqueles e aquelas que seguem Jesus Cristo no seio da Igreja Católica: Maria, a Mãe de Deus e Mãe da Humanidade.⁶³ A história da Ordem Carmelita nos apresenta a presença de Maria desde os primórdios de sua instituição ainda que em sua primeira Regra não tenhamos menção direta a Ela.⁶⁴ Os sinais de sua presença na vida dos religiosos se dá de diferentes maneiras, como por exemplo na arquitetura de sua capela e de suas celas, na escuta da Palavra e na oração contínua e silenciosa que permite Cristo ser gerado na vida de cada um.⁶⁵ Referindo-se às *Constituições*, somente na redação de 1324 se acena de maneira explícita para a Virgem Maria: “*Rubrica prima. Qualiter respondendum sit quaerentibus qualiter ordo noster sumpserit exordium et quare dicamur fraters ordinis beatæ Mariæ de monte Carmeli [...]*”.⁶⁶ Neste contexto histórico queremos ressaltar que Maria sempre esteve presente na espiritualidade carmelita, pois, ao lado de Cristo está sua Mãe.

Como Maria que, escolhida por Deus, deu seu *Fiat* tornando-se participante do projeto de salvação e santificação de Deus⁶⁷, seguindo Jesus pelas estradas da Judeia e da Galileia⁶⁸ até a Cruz⁶⁹, de maneira análoga os Carmelitas são chamados a refazer o caminho cristológico até contemplar o mistério do sepulcro vazio para anunciar a bela notícia da graça recebida por meio do Espírito. Assim: “A devoção mariana essencial para o Carmelo nasce diretamente da contemplação

⁶³ Cf. DEZINGER, H., *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, n. 271.

⁶⁴ Cf. BOAGA, E., *Origini mariane dei Carmelitani*, p. 13.

⁶⁵ Cf. GROSSO, G., *La presenza di Maria nelle origini dell’Ordine*, p. 95-98.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 98-99.

⁶⁷ Cf. Lc 1,38.

⁶⁸ Cf. Mc 3,31.

⁶⁹ Cf Jo 19,25-27.

do mistério de Cristo e do empenho de viver na Igreja constituindo um importante elemento de reforma e de renascimento”.⁷⁰

É Ela que ensina como acolher o dom do Espírito, a abrir espaço no próprio interior para o Verbo que se encarna e a confiar-se ao abraço pleno de misericórdia do Pai. Maria está presente como Mãe que exercita o senhorio e o patronato, mas isso não se contrapõe a sua presença amável e familiar. É a Mãe do Senhor e dos frades. A Ela se recomendam com confiança e certeza de serem compreendidos, acolhidos e ouvidos. Maria é a Senhora que protege e orienta os próprios devotos em um caminho de aperfeiçoamento no amor, de transformação interior e de união mística, na qual a geração de Deus em si mesmo e em seu entorno se torna dom e empenho para os que recebem a vocação carmelita. Maria está ao lado de Cristo e com Ele vive no coração de cada carmelita e de toda a comunidade.⁷¹ Maria na Ordem nunca tirou a centralidade cristológica da espiritualidade: “[...] porque Nossa Senhora é a Mãe de Jesus e então, vivendo ao seu serviço e para a sua honra, os Carmelitas pretendem imitar o obséquio de Maria para com Deus”.⁷²

Percorrendo a história da Ordem junto à Santíssima Mãe, vemos que a passagem para o Ocidente foi um tempo de reconhecida proteção mariana para com os freis. Nos séculos XIII e XIV, a teologia mariana carmelita assumiu um horizonte teológico mais universal, ou seja, o da proteção de Maria, a “*Mater omnium*”, que recolhe os seus filhos sob o seu manto, revestindo-os de graças e de terno amor. O Escapulário tornou-se a memória do manto misericordioso da Virgem, que é dom, promessa de proteção e de misericórdia para com a Ordem. No decorrer da história, um significado que emerge em torno do hábito carmelita, não é tanto o de Simão Stock que o recebe das mãos da Virgem Maria, mas ele que o entrega nas mãos da Mãe da Misericórdia, pedindo que Ela defenda o que lhe pertence. Diante da súplica da Ordem à “*Madre piatosa*” esta responde com a devolução do hábito, certeza de que com ele estarão liberados das penas do inferno e que ninguém se reveste de um hábito religioso se não está convicto de que seja Deus a entregá-lo como dom de salvação, através da mediação da Igreja. O dom do Escapulário ou do hábito, tem valor teológico-sacramental, espiritual e

⁷⁰ GROSSO, G., La presenza di Maria nelle origini dell’Ordine, p. 105. [TN].

⁷¹ Cf. Ibid., p. 105-109.

⁷² GAETANI, L., Spiritualità, preghiera e devozione mariana in Santa Teresa di Gesù, p. 151. [TN].

eclesial: a Mãe reveste novamente os seus filhos, reafirmando a sua proteção e confirmando a eterna salvação. Maria é a Mãe que cuida dos irmãos de seu Filho, ajudando-os a tecer a veste da conformação ao Filho, a veste da vida nova do Evangelho, revestindo-os de Cristo.⁷³

Os carmelitas souberam desenvolver este encontro vital com a Mãe aguçando uma sensibilidade de filhos, maturando o senso de familiaridade e cultivando uma consciência que os levou a afirmar com João Paulo II: “[...] a forma mais genuína de devoção à Virgem Santíssima, expressa pelo humilde sinal do Escapulário, é a consagração ao seu Coração Imaculado”.⁷⁴ O hábito não apenas reveste exteriormente, como é o revestimento interior, refazendo a beleza da semelhança perdida, dando um lugar onde habitar, um pedacinho do céu, uma parte da praça de Jerusalém celeste, da “terra santa” desejada. É o sinal da proteção e amparo da “*Signora del Luogo*”⁷⁵, que acompanhou seus filhos quando tiveram que deixar a terra santa escolhida para adorar e louvar a Deus, permitindo que estendessem sua missão pelo Ocidente e por todo o mundo. É nesta Ordem confiada a “*Beate Marie de Monte Carmeli*” que encontramos santa Teresa de Jesus, filha da Igreja, filha da Virgem Santíssima, como a própria se denomina em seus escritos. Percorrendo as obras de santa Teresa encontramos cerca de cento e dez textos marianos, ou seja, a vida de Teresa de Jesus é uma belíssima tecelagem entre componentes cristológicos e mariológicos, mostrando sua genuína identidade carmelita.⁷⁶

7.2.2.

Maria, Mãe de Jesus e Mãe de Teresa de Jesus

Como vimos na primeira parte de nossa pesquisa, no dia 03 de março de 2018, com o decreto *Ecclesia Mater*, foi estabelecida a Memória da “Bem-aventurada Virgem, Mãe da Igreja” no Calendário Romano Geral. Referir-se a Maria como Mãe da Igreja é reconhecer o sentido mariano da Igreja de hoje. Não

⁷³ Cf. GAETANI, L., *Spiritualità, preghiera e devozione mariana in Santa Teresa di Gesù*, p. 151-153.

⁷⁴ JOÃO PAULO II, PAPA, *Messaggio del Santo Padre ai Carmelitani*, 26 de março de 2001, Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2001/03/26/0173/00482.html>, Acesso em: 22/06/2019, n. 4. [TN].

⁷⁵ Sobre esse tema podemos consultar: BOAGA, E. *La Signora del Luogo: Maria nella storia e nella vita del Carmelo*. Roma: Carmelitane, 2001.

⁷⁶ Cf. GAETANI, L., *op. cit.*, p. 154.

se trata de um título que expresse sentimentalismo devocionista, mas é a expressão de um conteúdo dogmático, isto é, expressão da experiência de fé vivida pela Igreja ao longo dos séculos. Quanto mais conscientes formos de nossa condição cristã, mais necessidade teremos de dizer “*Abba-Pai*”, mais profundidade teremos em nossa dependência da Mãe Igreja e mais autenticamente sentiremos Maria como nossa Mãe. A vida de santa Teresa não deixa dúvidas de sua relação filial com Maria, capaz de remodelar a própria vida na pobreza, no silêncio, na humildade, na oração e no serviço, contemplando-A em seu mistério, em sua relação com Cristo, em sua escuta e em suas respostas a Deus. Sente-se e define-se como “*hija de la Virgen*”, e assim serão todas as religiosas que se juntarem a ela.⁷⁷

Teresa nasceu em uma família com forte devoção mariana e desde criança cultivou o desejo de servir à Virgem. Essa devoção tem raízes na formação religiosa que recebeu de sua mãe, a senhora Beatriz, que demonstrava evidente caráter mariano. Foi educada a rezar e a ter devoção a Nossa Senhora.⁷⁸ Não raras vezes a senhora Beatriz rezava com o rosário e ensinava seus filhos a fazerem o mesmo⁷⁹: “Procurava a solidão para rezar as minhas devoções, que eram muitas, em especial o rosário, de que a minha mãe era muito devota, e, assim, nos fazia sê-lo”.⁸⁰ Sabemos que o contexto social e eclesial influenciou santa Teresa em sua devoção mariana.

O século XVI teve bem difundida essa devoção, principalmente como defesa mediante ao protestantismo. O ofício mariano, as confrarias, as orações, as práticas de piedade e a construção dos santuários.⁸¹ Enfim, a Virgem estava presente em todas as cidades e vilarejos, contando com mais de 700 invocações marianas e mais de 853 imagens recebendo cultos particulares naqueles anos.⁸² Tudo é expressão da forte devoção que também influenciou a vida no Carmelo e a de Teresa. No entanto, para além desta situação eclesial e social, a devoção mariana em santa Teresa conta com um elemento que modificou sua relação com a Virgem Maria, trata-se da morte de sua mãe:

⁷⁷ Cf. ALVAREZ, T., Estudios teresiano III: doctrina espiritual, p. 373-375.

⁷⁸ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 1,1.

⁷⁹ Cf. GAETANI, L., Spiritualità, preghiera e devozione mariana in Santa Teresa di Gesù, p. 157.

⁸⁰ SANTA TERESA, op. cit., 1,6.

⁸¹ Cf. VALPUESTA, P. M., La Virgen Maria en Santa Teresa de Jesús, p. 184-185.

⁸² Cf. RUIZ, D., Congreso Mariano y Mariológico de Zaragoza (1979), p. 353-358.

Recordo-me de que, quando minha mãe morreu, eu tinha doze anos, ou um pouco menos. Quando comecei a perceber o que havia perdido, ia aflita a uma imagem de Nossa Senhor e suplicava-lhe, com muitas lágrimas, que fosse ela a minha mãe. Parece-me que, embora o fizesse com simplicidade, isso me tem valido; porque reconhecidamente tenho encontrado essa Virgem soberana sempre que me encomendo a ela e, enfim, voltou a atrair-me a si.⁸³

Diante deste relato da vida de nossa santa, T. Alvarez dirá que essa foi a segunda fuga de Teresa. A primeira foi em sua infância quando, com seu irmão, fugiu para a “terra dos mouros” para se oferecer em martírio⁸⁴ e a segunda foi em sua adolescência, quando ao perder a mãe, acontece “a fuga da alma em busca de nova mãe”.⁸⁵ Para L. Gaetani quando santa Teresa faz memória deste fato está consciente da pouca fidelidade de sua parte diante de tal ato e da fidelidade de Maria para com ela ao longo de toda a sua vida, deixando entender que o seu caminho de consciência de si e de retorno a Deus foi um dom da Virgem que, tomando sua palavra, se fez sua Mãe.⁸⁶ Não se trata de um episódio passageiro em sua vida. Veremos que sua devoção mariana se manteve mesmo no auge de suas experiências místicas. Sua sobrinha Teresita é quem nos testemunha isso:

Acostumava a Santa Madre rezar o rosário a Nossa Senhora desde que era muito menina, e no final de sua vida, alguns anos antes que Deus a levasse, declaro, como testemunha ocular, que nem por enfermidade que tivesse ou ocupações, que não sabia de si, não deixava por nada de rezá-lo e buscar tempo para isto, ainda que fosse a meia noite ou a uma da madrugada, antes que desse algum descanso a seu santo corpo.⁸⁷

Outros textos de sua autobiografia nos revelam a perseverança desta devoção: quando no sofrimento recorre a Virgem⁸⁸, quando celebra as festas da Assunta⁸⁹, da Imaculada⁹⁰, da Sagrada Família⁹¹ ou a honra com o rosário:

Estando uma noite tão doente que queria ser dispensada da oração, peguei um rosário para me ocupar vocalmente, procurando não recolher o intelecto, embora estivesse retirada num oratório. Mas, quando o Senhor quer, pouco valem esses esforços. Mantive-me assim por algum tempo, vindo-me um arrebatamento de espírito de tamanho ímpeto que não tive como resistir-lhe. Tive a impressão de estar no céu,

⁸³ SANTA TERESA, Livro da Vida, 1,7.

⁸⁴ Cf. Ibid., 1,4.

⁸⁵ ALVAREZ, T., Estudios teresianos III: doctrina espiritual, p. 377. [TN].

⁸⁶ Cf. GAETANI, L., Spiritualità, preghiera e devozione mariana in Santa Teresa di Gesù, p. 158.

⁸⁷ BIBLIOTECA MÍSTICA CARMELITANA, t. 2, p. 336, apud. ALVAREZ, T., Estudios teresianos III: doctrina espiritual, p. 377-378. [TN].

⁸⁸ SANTA TERESA, op. cit., 19,5.

⁸⁹ Ibid., 5,6.

⁹⁰ Ibid., 5,9.

⁹¹ Ibid., 6,8.

tendo visto ali, em primeiro lugar, meu pai e minha mãe. E vi coisas tão sublimes – num espaço de tempo breve como o de rezar uma Ave-Maria – que fiquei bem fora de mim, considerando aquilo uma graça grande demais para mim.⁹²

Santa Teresa encontrou a Virgem Maria ao longo de toda a sua vida, em momentos difíceis e belos. Ela sempre esteve presente com sua fascinante beleza. Ouçamos:

Num dia da Assunção da Rainha dos Anjos e Senhora nossa, quis o Senhor fazer-me o seguinte favor: num arroubo, apresentou-me Sua subida ao céu e a alegria e solenidade com que Ela foi recebida, bem como o lugar onde está. Eu não saberia dizer como ocorreu isso. O meu espírito teve uma enorme exultação ao contemplar tão imensa glória. Isso deixou em mim grandes efeitos, fazendo-me desejar cada vez mais suportar grandes sofrimentos e servir a essa Senhora, que tanto o merece.⁹³

Vemos em seu desejo de servir a sua Mãe e Senhora que o amor e a devoção a Nossa Senhora fazem parte de seu itinerário humano-espiritual. Dirá A. Suárez que, em especial, a devoção a Nossa Senhora do Monte Carmelo, é um amor incansável e uma paixão sem limites, que leva santa Teresa a permanente divulgação, como algo natural à sua personalidade.⁹⁴ Permaneceu sempre devota de Maria, pois para ela “Maria está no Evangelho, está na humanidade santíssima de Jesus, está dentro das coisas da Igreja, está dentro de sua própria vocação e missão”.⁹⁵ Teresa a reconhece como aquela que manifestou constância na fé: “[...] Sua Mãe Sacratíssima [...] estava firme na fé e sabia que Ele era Deus e homem. E, embora O amasse mais do que os discípulos, fazia-o com tanta perfeição que isso antes a ajudava”.⁹⁶ É a “serva do Senhor”, a Virgem da escuta, do silêncio e da oração, a Mãe das dores, a Senhora do coração traspassado, a Virgem da boa companhia: “A companhia do bom Jesus é proveitosa demais para que nos afastemos dela, o mesmo acontecendo com a da Sua Sacratíssima Mãe”.⁹⁷ A Sacratíssima Mãe de Cristo não deixou de manifestar-se a santa Teresa em seu percurso espiritual. Vejamos algumas características dessas mariofâneas.

⁹² SANTA TERESA, Livro da Vida, 38,1.

⁹³ Ibid., 39,26.

⁹⁴ Cf. ALVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d’Ávila: una vita all’insegna della Vergine Maria, p. 184.

⁹⁵ GAETANI, L., Spiritualità, preghiera e devozione mariana in Santa Teresa di Gesù, p. 156. [TN].

⁹⁶ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,7,14.

⁹⁷ Ibid., 6,7,13.

7.2.3.

As mariofanias na vida de santa Teresa de Jesus

Recordando a vida de santa Teresa, vemos que a Virgem esteve presente, por primeiro em sua vocação. Ela não apenas voltou a atraí-la a si, mas a acolheu como religiosa no mosteiro de Santa Maria da Encarnação, em uma família religiosa de inspiração e espiritualidade mariana. Teresa entende sua vocação religiosa como consagração a Deus, porém através de uma referência expressa a Maria. Cada carmelita é uma filha da Virgem, o mosteiro é a casa da Virgem e viver na casa de Maria significa compartilhar com Ela a vida. Teresa está convencida que a Ordem, o hábito, a Regra, as casas são da Virgem e que as carmelitas são irmãs e filhas de Maria. Frente as exigências da consagração, Maria servirá para medir sua própria fidelidade a Deus. O ideal de consagração que propõe a si e as demais religiosas é aquele encarnado por Maria.⁹⁸

Mas bem sabe sua Majestade que só posso confiar em Sua misericórdia; e, já que não posso deixar de ser quem tenho sido, não tenho outro remédio senão apegar-me a ela e confiar nos méritos de Seu Filho e da Virgem, Sua Mãe, cujo hábito indignamente envergo. E vós, que o trazeis também, louvai-O, pois verdadeiramente sois filhas dessa Senhora. Assim, não tendes de vos perturbar por eu ser ruim, já que possuíis tão boa Mãe. Imitai-A e considerai a imensa grandeza dessa Senhora, bem como a vantagem de tê-la por padroeira; pois nem meus grandes pecados e o fato de ser como sou podem empenhar minimamente esta sagrada Ordem.⁹⁹

Também em sua vocação de fundadora, Maria a acompanha, tomando-a pelas mãos e declarando que ela estava apta para a obra que começava. A Mãe entrou plenamente na vida de santa Teresa com graças místicas pessoais e comunitárias. Ela própria nos conta sobre as “mariofanias” ocorridas em sua vida. Recordemos que mariofania é um fato que manifesta, carismaticamente, a presença e a função de Maria na peregrinação da Igreja ou na história de uma pessoa. Vemos que santa Teresa experimentou profundamente a presença da Virgem em sua vida, inclusive nos fenômenos místicos, como o narrado no *Livro da Vida*, que de uma parte, trata da purificação pessoal da santa e de outra, através de uma singular vestição da Virgem, da aprovação e proteção para o novo Carmelo. Vejamos:

⁹⁸ Cf. ALVAREZ, T., *Estudios teresianos III: doctrina espiritual*, p. 378-379.

⁹⁹ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 3,1,3.

[...] eu estava na capela de um mosteiro [...] no dia de Nossa Senhora da Assunção [...] De repente, veio-me um arrebatamento [...] Enquanto me encontrava naquele estado, tive a impressão de que me cobriam com uma roupa de grande brancura e esplendor. No início, eu não via quem o fazia, tendo percebido depois Nossa Senhora do meu lado direito e meu pai São José do esquerdo adornando-me com aquelas vestes. Eles me deram a entender que eu estava purificada dos meus pecados. [...] tive a impressão que Nossa Senhora tomava-me as mãos, dizendo-me que lhe dava muito contentamento ver-me servir ao glorioso São José e que eu estivesse certa de que o mosteiro se faria de acordo com o meu desejo, sendo o Senhor e eles dois muito bem servidos ali. Eu não devia temer que nisso viesse a haver quebra, embora a obediência não fosse bem do meu gosto, porque eles nos guardariam, e o seu Filho já nos prometera andar ao nosso lado. Como sinal de verdade, ela me deu uma joia. [...] Era grandíssima a beleza que vi em Nossa Senhora, embora não tenha podido observar nenhum traço particular seu, mas o conjunto do rosto, estando ela vestida de branco, com enorme resplendor, não tipo que deslumbra, mas algo suave. [...] Nossa Senhora me pareceu muito jovem. Estiveram comigo mais um pouco, estando eu cheia de glória e de júbilo, numa intensidade que eu talvez jamais tenha sentido e que não quisera ver chegar ao fim. Pareceu-me então vê-los subir ao céu com uma enorme corte angélica. Fiquei com muita saudade, mas tão consolada, enlevada, recolhida em oração e enternecida que por algum tempo permaneci quase fora de mim, sem poder mover-me nem falar.¹⁰⁰

Como vimos, a mariofania acima narrada está ligada à fundação do primeiro Carmelo teresiano e aconteceu no dia da Assunção, em meio a ricas experiências místicas cristológicas que vinham ocorrendo com santa Teresa. Como dissemos, um aspecto importante é o sinal da veste branca, fazendo referência ao processo de purificação de Teresa, e também um sinal da confirmação da graça recebida de Cristo diante da fundação do primeiro Carmelo, à qual Maria se associava repetindo as promessas do Filho e fazendo da obra do Filho uma obra também sua. Santa Teresa se sente consolada e ao mesmo tempo motivada ao serviço do Senhor e de sua Mãe.¹⁰¹ Diante dessa experiência, logo na primeira fundação, a vemos empenhada em honrar o hábito da Virgem: “Vi então realizada, de acordo com os meus desejos, uma obra que eu sabia ser para o serviço do Senhor e para a honra do hábito de sua gloriosa Mãe”.¹⁰²

Também podemos mencionar as mariofancias comunitárias, ou seja, a Virgem Maria presente em meio à comunidade orante. T. Alvarez enfatiza dois episódios contados pela santa, onde, após a oração litúrgica comunitária das Completas, a Virgem expressa simbolicamente sua presença e assistência à comunidade orante. O primeiro acontece no recém fundando Carmelo de São José

¹⁰⁰ SANTA TERESA, Livro da Vida, 33,14-15.

¹⁰¹ Cf. ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria, p. 185-186.

¹⁰² SANTA TERESA, op. cit., 36,6.

(1562), onde Teresa sente que Nossa Senhora parecia amparar a todas¹⁰³; e o segundo, no mosteiro da Encarnação em Ávila, quando retorna como priora e escuta Maria que lhe diz: “Eu estarei presente aos louvores que derdes ao Meu Filho e os apresentarei a Ele”.¹⁰⁴ Era sábado e a comunidade cantava a Salve Rainha ao final do Ofício das Leituras.¹⁰⁵ Uma mariofania pessoal ocorrida na vida de santa Teresa, deu-se quando renovava seus votos, o que gostava de fazer nas festas marianas:

No dia de Nossa Senhora da Natividade tenho particular alegria. Quando chega esse dia, parece-me bem renovar os votos. E, querendo-o fazer, foi-me representada certa fita, numa visão iluminativa, a Virgem Senhora; pareceu-se fazê-lo em Suas mãos e que Lhe era agradável. Essa visão ficou comigo por alguns dias, como se Ela estivesse junto a mim, perto do lado esquerdo.¹⁰⁶

A memória da Virgem sugere a santa Teresa o sentido da vocação carmelita inspirada em Maria. Como a própria santa afirma, Maria é Mãe “desta casa de contemplativos”¹⁰⁷ e ao longo de seus escritos veremos que não faltarão as mariofancias na vida pessoal e comunitária de nossa doutora. Para A. Suárez, Teresa adentrou os mistérios de Maria, indo além dos que a precederam na Ordem, encarnando uma experiência global e compreensiva: “[...] experiência dos mistérios de Maria, das suas relações com Ela, da sua exemplaridade de vida cristã, de sua intervenção misteriosa na transformação de sua alma e na sua obra de fundadora”.¹⁰⁸ O autor nos dirá que:

Maria é modelo do orante cristão. Deus habita em nós porque fez nela sua morada; o cristão é templo vivo de Deus a imagem e semelhança de Maria, templo vivo e Arca da Aliança. Na Virgem de Nazaré o cristão encontra o modelo daquela interioridade contemplativa com a qual encontra Deus dentro de si na oração o leva consigo na vida. Com estupor, a mística espanhola contemplava o mistério da Encarnação e da presença do Senhor no íntimo de si à imagem da Virgem que trazia dentro de si o Salvador: “Quer (o Senhor) entrar no ventre de sua Santíssima Mãe. Dado que é o Senhor, traz consigo a liberdade, e porque nos ama se faz à nossa medida” (CE 48,11).¹⁰⁹

¹⁰³ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 36,24.

¹⁰⁴ Id., As Relações, 25.

¹⁰⁵ Cf. ALVAREZ, T., Estudios teresianos III: doctrina espiritual, p. 381-382.

¹⁰⁶ SANTA TERESA, As Relações, 48.

¹⁰⁷ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 5,1,2.

¹⁰⁸ ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria, p. 173. [TN].

¹⁰⁹ Ibid., p. 176. [TN].

Teresa narra aquilo que experimenta dos mistérios marianos sempre tendo por princípio a contemplação da Sagrada Humanidade do Senhor. É em torno de seu encontro com Ele que se desenvolve uma série de fatos “marianos”: “As vezes eram graças provenientes da Virgem à Teresa; outras vezes gestos de aproximação e de serviço de Teresa à Virgem”.¹¹⁰ Reconhece sua presença ao longo de todo o seu trajeto espiritual. Está presente ativamente no itinerário do Castelo Interior. Aparece como a Virgem que intercede pelos pecadores quando se recomendam a Ela: “As que se virem nesse estado devem recorrer amiúde, como puderem, a Sua Majestade, tomando por intercessora Sua bendita Mãe [...]”.¹¹¹ Maria é modelo de todas as virtudes e, a memória de seus méritos e de sua bondade pode servir de sustento na hora da conversão definitiva: “[...] já que não posso deixar de ser quem tenho sido, não tenho outro remédio senão apegar-me a ela e confiar nos méritos de Seu Filho e da Virgem, Sua Mãe, cujo hábito indignamente envergo”.¹¹² Maria é a esposa do *Cântico dos Cânticos*¹¹³, modelo das almas perfeitas: “[...] todas as que trazemos este sagrado hábito do Carmo sejamos chamadas à oração e contemplação (porque foi essa a nossa origem; descendemos dos santos padres do Monte Carmelo que [...] buscavam esse tesouro, essa pérola preciosa de que falamos)”.¹¹⁴

Em Maria todas as virtudes estão unidas a Cristo. Ela assume o caminho da Cruz junto ao Filho e a todos os seus seguidores.¹¹⁵ Maria é companheira necessária aos que se põem no castelo, aos que buscam se configurar ao Senhor e unir-se plenamente a Ele, pois na Mãe de Jesus essa união foi plena em corpo e alma.¹¹⁶ Vejamos como santa Teresa nos ensina a olhar para Maria de maneira filial e confiante.

¹¹⁰ ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria, p. 179. [TN].

¹¹¹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 1,2,12.

¹¹² Ibid., 3,1,3.

¹¹³ Cf. Id., Conceitos do Amor de Deus, 6,8.

¹¹⁴ Id., Castelo Interior ou Moradas, 5,1,2.

¹¹⁵ Cf. Ibid., 7,4,5.

¹¹⁶ Cf. Ibid., 6,7,13.

7.2.4.

O olhar de santa Teresa de Jesus para a Mãe de Jesus

Santa Teresa inicia um itinerário espiritual que agrega ao seu redor uma significativa quantidade de jovens religiosas que ansiavam por um caminho formativo que as ajudasse a seguir o Esposo segundo o testemunho dado pela santa. Então, nossa escritora dedica-se à formação de suas religiosas e lhes escreve o *Caminho de Perfeição*, onde se propusera a descrever tal caminho partindo das orações do Pai Nosso e da Ave Maria: “Em um primeiro momento havia pensado de dizer-vos algo também sobre o modo de recitar a Ave Maria [...]”.¹¹⁷ Vemos que o livro se deteve no Pai Nosso, no entanto, deixa-nos claro, já no início deste, que Maria é a mulher forte, a mais forte dentre aquelas que seguiam Jesus, o modelo para as mulheres consagradas, para as jovens carmelitas que se colocavam a caminho com o Divino Esposo. T. Alvarez nos dirá que:

Maria surge como mulher forte. [...] Mulher entre as mulheres que no Evangelho tinham para com Jesus “tanto amor e mais fé que os homens”. Ela, “em cujos méritos merecemos”, justifica por si só o ideal eclesial que Teresa propõe a seu grupo de mulheres, embora se o contrastem os “juizes do mundo que como são filhos de Adão e todos homens, não há virtude de mulher que não sejam suspeitas” (Caminho 3,7).¹¹⁸

Teresa contempla a força da Virgem principalmente aos pés da Cruz e a evoca como modelo para os cristãos de todos os tempos, em especial para as mulheres consagradas que se dispõem ao seguimento do Senhor:

[...] quem agora não quer fazer um pouquinho de esforço até para recolher-se e olhar dentro de si esse Senhor (podendo-o fazer sem perigo e com o mínimo de empenho) de modo algum se poria ao pé da Cruz com Madalena, tendo a morte diante de si. O que deviam passar a gloriosa Virgem e essa santa bendita! Que ameaças, que más palavras, que encontrões, quantos desacatos! Que cortesãos encontrariam entre aquela gente? Sim, havia cortesãos, mas do inferno, ministros do demônio. Por certo, deve ter sido terrível o que elas passaram; mas, diante de uma dor maior, não sentiam a sua. Dessa maneira, irmãs, não acrediteis que servísseis para tão grandes padeceres, se não servir para insignificâncias cuja prática pode levar-vos a suportar provações maiores.¹¹⁹

Em *Conceitos do Amor de Deus*, Teresa dirá que aos pés da Cruz Maria sofria em sua santíssima alma e morria de dolorosa morte.¹²⁰ Vemos Teresa

¹¹⁷ SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição* (Escorial), 73,1.

¹¹⁸ ALVAREZ, T., *Estudios teresianos III: doctrina espiritual*, p. 380. [TN].

¹¹⁹ SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 26,8.

¹²⁰ Cf. Id., *Conceitos do Amor de Deus*, 3,11.

participando misticamente das dores da Virgem enquanto recebia o Senhor em seus braços: “[...] o Senhor [...] se pôs nos meus braços à maneira como se pinta a ‘Quinta Angustia’”.¹²¹ Na Páscoa de 1571, atravessando uma noite escura do espírito, santa Teresa experimentou a desolação e a solidão da Virgem aos pés da Cruz: “Passei todo o dia de ontem com grande solidão [...] Agora, como aumentou, chegou ao ponto desse traspassamento, e entendo melhor o que Nossa Senhora sentiu [...]”.¹²² E continua:

Disse-me que, depois de ressuscitar, fora ver Nossa Senhora, que já estava com grande necessidade, pois o pesar a tinha tão absorta e trespassada que não voltou logo a si para gozar daquele gozo (por meio disso compreendi esse meu outro traspassamento, que é bem diferente; qual não devia ser o da Virgem!); e que estivera muito com Ela, pois fora necessário estar até consolá-la.¹²³

Ela é a Virgem das dores, cujo coração foi traspassado pelas palavras proféticas de Simeão: “Não penses, quando vês Minha Mãe tendo-Me nos braços, que Eu gozava daquelas consolações sem grave tormento. Desde que Simeão Lhe disse aquelas palavras, Meu Pai deu-lhe clara luz para que visse o que eu haveria de padecer”.¹²⁴ Logo, a Mãe, carregou desde muito cedo em seu coração as dores as quais recairiam sobre o Filho. Alguns santos dirão que é a Rainha dos Mártires, pois nenhum padeceu no corpo a dor que Ela padeceu no coração. Foi traspassada pelo mistério do Crucificado, traspassada pelo punhal da solidão na Sexta Feira Santa. T. Alvarez nos dirá que “Teresa crê ter penetrado de forma especial este aspecto da Madre Corredentora, através das próprias experiências místicas”.¹²⁵

Nossa doutora tinha dificuldades em acolher a missa de “*spasmo Virginis Mariae*”, onde apresentava-se a Virgem em um desmaio produzido pela dor ante o filho crucificado e morto. Padre Gracián nos relata: “Muitas vezes tratei este ponto com a Madre Teresa de Jesus, e ela se afligia de ver que se rezava aquela missa; ela dizia que nem Jesus Cristo e nem sua Mãe jamais, em nenhuma ocasião, perderiam os sentidos e potências”.¹²⁶ Santa Teresa compreendeu que os que seguiram Cristo mais de perto foram os que mais padeceram e aponta para os

¹²¹ SANTA TERESA, As Relações, 58,3.

¹²² Ibid., 15,1.

¹²³ Ibid., 15,6.

¹²⁴ Ibid., 36.

¹²⁵ ALVAREZ, T., Estudios teresianos III: doctrina espiritual, p. 384. [TN].

¹²⁶ BIBLIOTECA MISTICA CARMELITANE, t. 15, p. 159, apud. ALVAREZ, T., Estudios teresianos III: doctrina espiritual, p. 384. [TN].

sofrimentos de “Sua gloriosa Mãe” como os mais dolorosos.¹²⁷ Teresa compreende a paixão de Nossa Senhora aos pés da Cruz através das próprias experiências místicas de transverberação¹²⁸ e da ausência de Deus.

No prólogo de *Caminho de Perfeição* nossa santa doutora destina todos os seus frutos à glória e honra de Deus e “para o serviço de sua sacratíssima Mãe, Padroeira e Senhora nossa, cujo hábito eu trago, se bem que muito indigna dele”.¹²⁹ Vemos que se dirige a Maria como a “sacratíssima Mãe” do Senhor. Tal referência nos faz recordar a maneira como santa Teresa se refere à Humanidade de Cristo, sempre como sua Sacratíssima Humanidade. É nesta Humanidade Sagrada que encontra Maria: sempre nos méritos do Filho e, ao mesmo tempo, como caminho para levar até Ele. Santa Teresa apresenta Maria como modelo e companheira no caminho de unidade com o Divino Esposo. Ela é à sacratíssima Mãe de seu Senhor, a quem se confia nos momentos de conflito e a quem confia suas filhas espirituais. Convida suas monjas a prestarem obediência à Virgem e a tê-la por agradável companhia junto do Senhor.¹³⁰ Quando retornou ao mosteiro da Encarnação, em Ávila, surpreendeu a todas, colocando a imagem da Virgem na cadeira da Priora e sentando-se aos seus pés. Sua atitude foi de entrega e confiança a ação da Mãe e Superiora. Seu acerto foi inquestionável:

Na véspera de São Sebastião, no primeiro ano em que fui priora na Encarnação, ao começar a Salve, vi na cadeira prioral, onde está Nossa Senhora, descer com grande multidão de anjos a Mãe de Deus e pôr-se ali. Tenho a impressão de que não vi então a imagem, mas essa mesma Senhora. Pareceu-me que se assemelhava um pouco à imagem que me fora dada pela Condessa, se bem que eu mal tivesse tido tempo de poder ter certeza, pois aquilo logo me suspendeu muito. Parecia-me ver anjos acima das cornijas dos cadeirais e por sobre os parapeitos, mas não em forma corporal, porque era visão intelectual. Ela esteve assim todo o tempo da Salve, e disse-me: “Bem acertaste em pôr-Me aqui; Eu estarei presente aos louvores que derdes ao Meu Filho e os apresentarei a Ele”.¹³¹

Santa Teresa é convicta de que a Virgem desenvolve em meio a Reforma o papel de Priora e Patrona, cuidando de cada pessoa e promovendo o bem espiritual da cada um. Sua fé em Maria não se limita a ação somente entre suas religiosas. Vê e implora a atuação da Virgem junto aos sacerdotes que a ajudavam

¹²⁷ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,5; Id., Caminho de Perfeição, 26,8; Id., Conceitos do Amor de Deus, 3,11.

¹²⁸ Cf. Id., As Relações, 15.

¹²⁹ Id., Caminho de Perfeição, Prólogo.

¹³⁰ Id., Castelo Interior ou Moradas, 7,6,13.

¹³¹ Id., As Relações, 25.

a levar adiante seu novo ideal religioso. Diante do Geral da Ordem, usará um argumento mariano, pois sendo o Geral um servidor de Maria, não poderia se opor ao reflorescimento da “família da Virgem”. Santa Teresa crê que o “sim” do Geral frente à necessidade que lhe tinha apresentado se deu pela ação de Nossa Senhora: “A ela por certo se deve o sucesso do negócio [...]”.¹³² E para os duvidosos dirá: “Perguntarei: se a alma nada vê, como sabe que é Cristo, ou Sua Mãe gloriosíssima ou um santo? Isso ela não o sabe dizer, nem pode entender como o sabe, mas tem uma grandíssima certeza”.¹³³ Também recomendava à Maria os amigos que a ajudavam nas fundações, declarando que o serviço deles era um favor feito à “Virgem Nossa Senhora”, uma vez que considera seus mosteiros como “pombaizinhos da Virgem Nossa Senhora”¹³⁴ e as suas monjas que como filhas e irmãs de Maria.¹³⁵

Para santa Teresa, Maria é a Virgem do amor. Sabemos que para a santa Madre o amor tem valor primário. Maria não só é aquela “que amou mais”, até mesmo mais que os apóstolos, mas também estava plena das palavras de amor pronunciadas pelo Esposo do *Cântico dos Cânticos*. No Ofício de Nossa Senhora, rezado semanalmente, encontra a semelhança entre a Virgem e o amor do *Cântico*:

“Ó Senhora minha, com que certeza se pode entender por Vós o que se passa entre Deus e a Esposa tal como o dizem os Cânticos! E assim podeis ver, filhas, no Ofício de Nossa Senhora que rezamos todas as semanas, o muito que há deles em antífonas e lições”.¹³⁶

Ela também é a Senhora da fé e da sabedoria, a Virgem da Anunciação e da Encarnação, que ouve a Palavra, crê e fica plena da sabedoria:

Ó segredo de Deus! Aqui não há senão entregar o intelecto e pensar que, para compreender as grandezas de Deus, ele de nada vale. Convém nos lembrar do que fez a Virgem Nossa Senhora, com toda a sua sabedoria, perguntando ao anjo: Como se fará isso? E quando o anjo lhe disse: O Espírito Santo virá sobre ti; a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, ela não tratou de mais disputas. Como quem tinha grande fé e sabedoria, percebeu algo que, diante da intervenção dessas duas coisas, nada mais havia para saber ou de que duvidar. Ela não foi como alguns letrados (a quem o Senhor não leva por este modo de oração, nem têm princípio de espírito) que querem entender a coisa com tanta razão e tão medidas

¹³² SANTA TERESA, Fundações, 2,5.

¹³³ Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,8,6.

¹³⁴ Id., Fundações, 4,5.

¹³⁵ Id., Caminho de Perfeição, 13,3.

¹³⁶ Id., Conceitos do Amor de Deus, 6,8.

pelo seu intelecto que não parece senão que, com suas letras, eles haverão de compreender todas as grandezas de Deus. Se eles aprendessem um pouco da humildade da Virgem Santíssima!¹³⁷

Para Madre Teresa, Maria também é a Virgem da humildade, e para nossa doutora, humildade é “andar na verdade”, isto é, conhecer o que se pode e o que pode Deus, essa é a verdadeira humildade. Foi assim a sabedoria da Virgem que atraiu sobre si o olhar de Deus: “Não há rainha que force o Rei a se render como a humildade; esta O trouxe do céu nas entranhas da Virgem e, com ela, nós O traremos preso por um fio de cabelo a nossas almas”.¹³⁸ E, como vimos anteriormente, dirá: “Filhas minhas, imitemos um pouco a grande humildade da Virgem Santíssima [...]”.¹³⁹ Esta Senhora humilde que deve ser imitada, é a Virgem da oração e do louvor, que cantou o *Magnificat* e engrandeceu a Deus do mais profundo de seu ser. Com Maria, santa Teresa canta louvores a Deus: “Estando um dia em oração, senti estar minha alma tão dentro de Deus que não me parecia haver mundo, mas que estava embebida Dele. Foi-me dado ouvir o versículo do Magnificat: *Et exultavit spiritus*”.¹⁴⁰ Nos últimos anos de sua vida santa Teresa repetia com frequência o *Magnificat*, como relata María de san José:

Estando esta testemunha na cela de Madre Teresa de Jesus, em diversos dias, viu muitas vezes a bem aventurada Madre Teresa, com uma voz baixa e muito devota, estar louvando a Nosso Senhor, repetindo o primeiro verso do Cântico: “*Magnificat anima mea Dominum*”, em castelhano.¹⁴¹

E incorporará o louvor mariano em uma de suas exclamações:

Alegra-te, alma minha, porque há quem ame o teu Deus como Ele merece. Alegra-te, pois há quem conheça Sua bondade e valor. Dá-lhe graças [...] Pede-Lhe que te ajude para que tenhas alguma pequena participação em bendizer o Seu nome e para que possas dizer, sinceramente: A minha alma engrandece e louva o Senhor.¹⁴²

Para Teresa, Maria é também a Virgem do serviço, nos passos do Filho, o Servo de YHWH. O que para santa Teresa equivale à expressão máxima da perfeição cristã, foi claramente assumido por Maria, a “escrava do Senhor”.¹⁴³

¹³⁷ SANTA TERESA, Conceitos do Amor de Deus, 6,7.

¹³⁸ Id., Caminho de Perfeição, 16,2.

¹³⁹ Ibid., 13,3.

¹⁴⁰ Id., As Relações, 61.

¹⁴¹ BIBLIOTECA MÍSTICA CARMELITANA, t. 18, p. 491, apud. ALVAREZ, T., Estudios teresianos III: doctrina espiritual, p. 385. [TN].

¹⁴² SANTA TERESA, Exclamações da alma a Deus, 7,3.

¹⁴³ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 7,4,5-8.

Vemos que a relação de Teresa com a Virgem se dá em diversas dimensões de sua espiritualidade. Ela vive profundamente a devoção mariana da Ordem, está vinculada à Mãe por suas experiências familiares, comunitárias e místicas, e tem forte ligação com as passagens evangélicas que dizem de Nossa Senhora, das quais destacamos: o mistério da Virgem na Anunciação¹⁴⁴, a experiência mística em torno das primeiras palavras do *Magnificat*¹⁴⁵, a contemplação do mistério da Encarnação e da presença do Senhor em nós conforme a imagem da Virgem que traz em si o Salvador¹⁴⁶, a Apresentação de Jesus no Templo com o sentido das palavras de Simeão à Maria¹⁴⁷, a fuga para o Egito e a vida escondida da Sagrada Família¹⁴⁸ e a participação de Maria no Mistério Pascal¹⁴⁹ de Jesus até a alegria da Ressurreição. Trata-se de uma mística mariana pautada nos evangelhos.¹⁵⁰

Nesta rica experiência de santa Teresa destacamos alguns pontos importantes sobre o mistério da Virgem Maria¹⁵¹: é a primeira discípula do Senhor¹⁵², é mestra da humildade¹⁵³ e é modelo de adesão e contemplação centrada na Sacratíssima Humanidade de Cristo.¹⁵⁴ Maria caracteriza não apenas o caminho espiritual de santa Teresa, mas de todos os Carmelitas Descalços e de todos aqueles que participam do carisma teresiano.¹⁵⁵

7.2.5.

As ofertas de santa Teresa de Jesus à Virgem do Carmo

Como vimos até aqui, a experiência mariana de santa Teresa deu-se desde o seio familiar, perpassou sua experiência na Ordem Religiosa, chegando a compreender que seus serviços eram feitos para servir ao Filho e sua Santa Mãe¹⁵⁶. Segundo A. Suárez, santa Teresa corresponde ao amor de Maria em sua

¹⁴⁴ Cf. SANTA TERESA, Conceitos sobre o amor de Deus, 5,2; 6,7.

¹⁴⁵ Cf. Id., As Relações, 29,1; 61.

¹⁴⁶ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 28,11.

¹⁴⁷ Cf. Id., As Relações, 36; Id., Caminho de Perfeição, 31,2.

¹⁴⁸ Cf. Id. Carta a Senhora Luisa de la Cerda de 27.05.1563, 14.

¹⁴⁹ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 26,8.

¹⁵⁰ Cf. GAETANI, L., Spiritualità, preghiera e devozione mariana in Santa Teresa di Gesù, p. 160.

¹⁵¹ Cf. DEL BLANCO, M. M., María Santísima, p. 437-444.

¹⁵² Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 26,8.

¹⁵³ Cf. Ibid., 16,2; 13,3.

¹⁵⁴ Cf. Id., Livro da Vida, 22,1; Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,7,14.

¹⁵⁵ Cf. GAETANI, L., op. cit., p. 165-166.

¹⁵⁶ Cf. SANTA TERESA, Fundações, 29,23.

vida pessoal e em sua Ordem com algumas propostas concretas.¹⁵⁷ Ela destaca o serviço à Senhora, Mãe, Rainha e Patrona da Ordem e nos diz:

[...] agora falamos das grandes vantagens [...] para não falar da principal, que é ver Nosso Senhor e sua Gloriosa Mãe serem servidos ali e as ocasiões evitadas; porque eram muitas as noites, quando só havia uma ermida, em que podiam ser feitas coisas que o demônio muito lamentava perder, e ficamos alegres por poder servir em algo à Nossa Mãe, Senhora e Padroeira.¹⁵⁸

Novamente fazemos menção ao amor para com a Virgem e a sua Ordem, celebrando com particular solenidade a festa da Apresentação de Maria:

Era dia da Apresentação de Nossa Senhora, no ano de 1575. Propus interiormente que, se a Virgem alcançasse de Seu Filho que nos víssemos, o nosso Padre e nós, livres destes frades, lhe pediria que ordenasse que em todos os lugares se celebrasse com solenidade esta festa nos nossos conventos de Descalças.¹⁵⁹

Santa Teresa aconselhará suas monjas a observarem a Regra da Senhora e Imperatriz com toda a perfeição dos inícios, buscando imitar em tudo a Maria: “Guardamos a Regra de Nossa Senhora do Carmo, sem mitigação, tal como a redigiu Frei Hugo, Cardeal de Santa Sabina, em 1248, no quinto ano do Pontificado do Papa Inocêncio IV”.¹⁶⁰ E dirá ainda:

Se algo pudermos fazer junto a Deus, estando enclausuradas, lutemos por Ele, e eu considerarei muito bem empregados os sofrimentos que tive para fazer este recanto, onde desejava que se respeitasse a Regra de Nossa Senhora e Imperatriz com a perfeição primitiva.¹⁶¹

Vemos em santa Teresa o louvor e a gratidão à Santíssima Virgem, que é Senhora, Patrona e Mãe, da qual ela e suas monjas portam o hábito e de quem são filhas, inclusive aquelas das futuras casas.¹⁶² Expressa em seus escritos a alegria e o júbilo de filhas que se sabem amadas por aquela que é Mãe, Senhora e Medianeira.

A santa Madre vê nos acontecimentos cotidianos de sua vida e da vida de seus amigos a ação santificadora de Deus que age em favor daqueles que desejam servir à sua Mãe. Vemos que, se referindo ao Padre Gracián, faz menção direta ao

¹⁵⁷ Cf. ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria, p. 188-190.

¹⁵⁸ SANTA TERESA, Fundações, 29,23.

¹⁵⁹ Id., As Relações, 60,3.

¹⁶⁰ Id., Livro da Vida, 36,26.

¹⁶¹ Id., Caminho de Perfeição, 3,5.

¹⁶² Cf. Id., Fundações, 4,5; Id., Castelo Interior ou Moradas, 3,1,3.

seu amor à Virgem e o quanto a intercessão dela foi importante para sua tomada de hábito na Ordem:

Estando, pois, ele longe de pensar em tomar o nosso hábito, rogaram-lhe que fosse a Pastrana tratar com a Priora do nosso Mosteiro, que ainda não saíra dali, para que esta recebesse uma monja. Que meios emprega Sua Majestade! Porque, se ele tivesse decidido ir tomar o hábito, talvez tivessem surgido tantas pessoas para o contrariar que ele nunca o fizesse. Mas a Virgem Nossa Senhora, de quem ele é muito devoto, quis pagar-lhe essa devoção com dar-lhe o hábito; penso, pois, que o motivo de ele o ter tomado e se afeiçoado tanto à Ordem foi essa gloriosa Virgem, que não quis que faltasse a quem tanto desejava servi-La ocasiões de o fazer, pois é costume Seu favorecer os que buscam o Seu amparo.¹⁶³

Sua fé e entrega à misericórdia de Deus e a bondade da Virgem torna-se uma exortação aos que estão ao seu redor: “Valha-me a misericórdia de Deus, em Quem sempre confiei por intermédio do Seu Filho Sacratíssimo e da Virgem Nossa Senhora, cujo hábito, pela bondade do Senhor, trago”.¹⁶⁴

Neste percurso, podemos ver como nossa santa viveu de maneira profunda a tradição mariana do Carmelo e a enriqueceu com a sua experiência mística, com a sua devoção e os seus escritos. Para nossa doutora, a Virgem é modelo de adesão à Cristo, de experiência contemplativa do seu mistério e de serviço à Igreja. É a Mãe que, com sua presença, garante o sentido de família a cada Mosteiro, sustenta na vida espiritual e preside a oração junto ao Filho.¹⁶⁵

Prossigamos nossa pesquisa lançando o olhar sobre as preocupações de santa Teresa junto às vocações.

7.3.

A oração pelos bons operários em santa Teresa de Jesus

7.3.1.

A direção espiritual no cuidado de cada vocação

No *Livro da Vida*, santa Teresa não hesitará em falar do tempo que perdeu em seu caminho espiritual por não saber por onde ir.¹⁶⁶ A santa de Ávila não tomará nenhuma iniciativa em seus empreendimentos sem consultar teólogos e

¹⁶³ SANTA TERESA, *Fundações*, 23,4.

¹⁶⁴ *Ibid.*, 28,35.

¹⁶⁵ Cf. ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., *Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria*, p. 188-190.

¹⁶⁶ Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 14,7.

peessoas espirituais. Dava muita importância às suas consultas espirituais, seja para iniciativas de sua missão ou para a própria vida espiritual:

Bendito sejas, Senhor, que tão inábil e sem utilidade me fizestes! Mas louvo-Vos muito, porque despertais tantos que nos despertam. A nossa oração por quem nos dá à luz devia ser contínua. Que seríamos sem eles em meio às tempestades tão grandes que ora atingem a Igreja? Se tem havido alguns ruins, mais brilharão os bons. Queira o Senhor sustentá-los com a Sua mão e ajudá-los para que nos ajudem, amém.¹⁶⁷

Sabemos que santa Teresa teve a oportunidade de conviver com grandes teólogos de sua época e que não poupava esforços para buscá-los e com eles discernir a ação de Deus em todas as dimensões de sua vida. Em seus escritos retorna com frequência a importância, ou mesmo a necessidade, da direção espiritual.¹⁶⁸ Trata-se de um processo necessário desde o princípio da vida espiritual: “O iniciante deve prestar atenção para saber o que é melhor para si. O mestre, se experiente, é muito necessário aqui”.¹⁶⁹ Diante das dificuldades do princípio do caminho de recolhimento dirá: “[...] como disse no princípio, [...] tem grande importância consultar pessoas experimentadas”.¹⁷⁰ Essa necessidade fica ainda mais evidente nos momentos de obscuridade, que são os períodos de transição, ou seja, nas segundas, quartas e sextas moradas. Para a oração de quietude nas quartas moradas, nossa santa sugere¹⁷¹:

Se Deus a levar pelo caminho do temor, como me levou, é grande o sofrimento se não houver quem a entenda – e é grande o gosto da alma quando lhe fazem o seu retrato, permitindo-lhe ver claro que segue o caminho certo. É um grande bem saber o que deve fazer para avançar em qualquer um desses estados. Porque passei por muitas coisas e perdi muito tempo por não saber o que fazer, e sofro muito pelas almas que se veem sozinhas quando chegam aqui.¹⁷²

Nas sextas moradas, onde as manifestações sobrenaturais são frequentes, a direção espiritual será indispensável. Santa Teresa compreende a dificuldade que é uma pessoa guiar-se sozinha nas vias espirituais.

Percorrendo vários santos, inclusive Aníbal Maria, veremos a importância dada aos diretores espirituais em diversos tempos da Igreja. De maneira especial

¹⁶⁷ SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,21.

¹⁶⁸ Cf. Ibid., 13,17.

¹⁶⁹ Ibid., 13,14.

¹⁷⁰ Id., Castelo Interior ou Moradas, 2,1,10.

¹⁷¹ Cf. FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 343-345.

¹⁷² SANTA TERESA, Livro da Vida, 14,7.

enfaticamos o quanto esses ocuparam lugar privilegiado junto aos Padres do Deserto, que se juntavam ao redor de um ancião para receber seus conselhos. Frei Maria-Eugenio nos lembra que: “Cassiano diz que os monges mais detestáveis eram os sarabaítas que se entregavam a mortificações extraordinárias, mas não obedeciam a ninguém ou mudavam constantemente de mestre”.¹⁷³ Para os tempos atuais, podemos dizer que, as almas que desejam alcançar a perfeição cristã e que vivem em meio aos desafios do cotidiano, tem real necessidade dessa especial ajuda: “Quanto à alma que vive no mundo sem uma disciplina determinada, não vemos como poderia avançar nas vias espirituais sem a ajuda duma direção contínua”.¹⁷⁴

A ajuda de alguém que se mostre solícito por nossa alma é uma necessidade humana-espiritual. Caminhar na presença de alguém que se dispõe a nos acompanhar nos passos de intimidade com o Senhor, na corrida rumo à meta final, é também um conforto em meio às agruras cotidianas, é saber-se cuidado, é experimentar visivelmente a presença do Senhor no itinerário a ser percorrido. Frei Maria-Eugenio nos dirá que a orientação da vida, o crescimento espiritual, a santificação e até mesmo a salvação, dependem da escolha de um diretor espiritual. Santa Teresa faz sérias advertências a esse respeito¹⁷⁵:

Errará muito uma alma que, resolvida a submeter-se a um só mestre, não procurar um que seja como eu digo; porque, se lhe faltarem as três coisas, a Cruz não será leve. Que não desejemos, por vontade própria, submeter-nos a quem não tenha bom entendimento. Eu ao menos nunca pude aceitar isso, nem o considero conveniente. Quem é secular deve louvar a Deus por poder escolher aquele a quem há de sujeitar-se e não deve perder essa liberdade tão virtuosa: deve preferir ficar sem mestre, até encontrá-lo, porque o Senhor lhe dará um, se tudo estiver fundado na humildade e no desejo de acertar.¹⁷⁶

É o próprio Senhor, que no cuidado com seus filhos e filhas, providencia santos operários para a missão de diretores espirituais. É a Sabedoria divina que concede a todos uma luz para essa escolha, o que não pode ser simplesmente conduzido por uma simpatia pessoal, ou, confundido com um trato de amizade. A razão e a fé devem ser consideradas nesta escolha e santa Teresa nos indica com que critérios: “[...] é muito importante que o mestre seja inteligente – isto é, de

¹⁷³ FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *Quero ver a Deus*, p. 348.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 349.

¹⁷⁵ *Cf. Ibid.*, p. 350.

¹⁷⁶ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 13,19.

bom entendimento e experiente. Se, além disso, tiver instrução, será perfeito”.¹⁷⁷ Madre Teresa insiste nas qualidades morais do diretor espiritual e Frei Maria-Eugenio nos dirá: “Poderíamos pecar por imprudência [...] se contássemos tão somente com a graça sacerdotal de um padre para lhe pedir conselhos importantes ou uma direção continuada, sem considerar suas aptidões para este ministério especial”.¹⁷⁸ Assim sendo, é importante que o diretor espiritual seja uma pessoa experimentada na fé, que tenha a santidade como meta de vida, tomando em consideração o apelo evangélico: “Sede santos, como vosso Pai é Santo”.¹⁷⁹ Encontrar um diretor espiritual que busque a santidade é uma graça, porém, seria um risco desejar que essa busca por santidade fosse vista exteriormente por sinais sobrenaturais e isso incida na escolha a ser feita. O sinal da santidade daqueles que o Senhor da messe suscita para conduzir seus irmãos e irmãs é, segundo Frei Maria Eugenio, principalmente a humildade e a caridade.¹⁸⁰

O diretor espiritual tem um papel indispensável no processo de acompanhamento daqueles e daquelas que buscam ouvir o chamado de Deus em suas vidas. Cada um tem sua vocação e a pessoa que exerce a missão na direção espiritual precisa humildemente desconfiar de si própria e confiar-se a Deus, no intuito de discernir os desígnios do Senhor para aquele(a) que acompanha, sabendo que:

O mesmo sol divino ilumina todas elas; todas se dessedentam na mesma fonte e se alimentam do mesmo pão de vida que é Cristo. E, contudo, a Sabedoria debruça-se maternalmente sobre cada uma, chama-a pelo seu nome divino e diversifica-lhe, de forma admirável e particular, os efeitos de sua luz, os deleites de sua graça, os ardores de suas chamas e os mimos de seu amor.¹⁸¹

Santa Teresa em seu zelo na escolha dos confessores e diretores espirituais, tocou diretamente a oração e o zelo pelos bons operários da messe. Cuidou do mandamento do Senhor de suplicar os santos trabalhadores para a Igreja, de maneira que seu povo fosse cuidado e não permanecesse abandonado como “ovelhas sem pastor”. Bons diretores espirituais e bons confessores ampliam as possibilidades de homens e mulheres, conduzidos pelos caminhos do Senhor, poderem fazer da própria vida uma resposta de amor ao Amor Divino, tornando-

¹⁷⁷ SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,16.

¹⁷⁸ FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 351.

¹⁷⁹ Mt 3,11.

¹⁸⁰ Cf. FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, op. cit., p. 352.

¹⁸¹ Ibid., p. 353.

se caridade consumada no cuidado com a humanidade. Se souber ouvir a alma, o diretor espiritual poderá ajudá-la a conhecer os desígnios de Deus para ela própria, pois é na alma que o Senhor depositou, pelo batismo, o gérmen de sua vocação.

A direção espiritual precisa ser exercida com prudência, na espera confiante da ação de Deus na vida do acompanhado. A falta desta virtude pode causar sérios danos a quem está no processo. Santa Teresa mesmo nos dirá do mal que poderia ter sofrido, caso tivesse seguido as indicações imprudentes de um diretor espiritual: “Se eu tivesse que tratar somente com ele, creio que certamente a minha alma nunca iria progredir”.¹⁸² E, tratando da necessária prudência, ainda dirá: “[...] é preciso caminhar com lentidão e prudência, seguindo o que um mestre disser. Mas é bom tomar cuidado para que o confessor não ensine a andar como um sapo, nem treine a alma para só caçar lagartixas”.¹⁸³ Os segredos de cada alma, são os segredos de Deus confiados ao diretor espiritual. Santa Teresa nos fala dos sofrimentos e aborrecimentos que lhes causaram as indiscrições de seus diretores espirituais:

[...] é mister [...] observar muito bem [...] e alertá-las (as dirigidas) que tragam tudo em silêncio, guardando-o também eles, porque assim convém. Falo isso porque muito sofri pelo fato de algumas pessoas com quem tratei da minha oração não terem sido discretas, falando com uns e outros, causando-me, por bem, imenso dano.¹⁸⁴

No *Livro da Vida* e em *Castelo Interior ou Moradas*, santa Teresa falará das dores e consequências causadas pela falta de prudência de seus confessores. Chegou a temer não mais encontrar alguém que a quisesse ouvir e que todos fugissem dela. Sabia do dano que isso causaria não apenas à sua alma, mas a toda a obra.¹⁸⁵ Podemos dizer que a experiência, tão apreciada por santa Teresa, será o guia da prudência na arte da direção espiritual. Técnicas e métodos não bastam para adentrar no mistério de Deus presente em cada pessoa, por isso, a direção espiritual precisa ser exercida por pessoas experimentadas na fé, que tenham feito esse caminho e recebido de Deus o chamado para tal missão. Santa Teresa nos conta que ficou tranquila frente as suas visões e palavras interiores por meio de

¹⁸² SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 23,9.

¹⁸³ *Ibid.*, 13,3.

¹⁸⁴ *Ibid.*, 23,13.

¹⁸⁵ Cf. *Ibid.*, 28,14; *Id.*, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,8,9.

são Francisco de Borja e são Pedro de Alcântara, homens que podiam se apoiar em sua própria experiência, por isso, aconselha:

O iniciante deve prestar atenção para saber o que é melhor para si. O mestre, se experiente, é muito necessário aqui; se não o for, pode errar muito e dirigir uma alma sem entendê-la nem deixar que ela se entenda – porque, como sabe que é grande o mérito de estar sujeita a um mestre, ela não se atreve a sair do que ele manda. Já encontrei almas encurraladas e aflitas devido à falta de experiência do seu mestre – o que causava pesar –, e uma que nem sabia o que fazer de si; porque, não entendendo o espírito, aflige a alma e o corpo, atrapalhando o aproveitamento. Outra pessoa estava há oito anos paralisada pelo mestre, que não a deixava avançar além do seu próprio conhecimento. Como o Senhor já concedera a essa alma a oração de quietude, era muito o seu apuro.¹⁸⁶

A inexperiência na direção espiritual pode quebrar para sempre o impulso do que caminha na intimidade com o Senhor, seja pela incompreensão do processo individual de cada orientado, seja pela timidez que gera naquele que partilha da própria experiência interior, ou, até mesmo, pelo exagero de imposições feitas que não encontram compreensão da parte de quem as recebe. No entanto, à experiência juntemos a ciência: “E, ainda que para isto não pareça necessário ter instrução, sempre tive a opinião de que todo o cristão deve procurar ter relações com quem a tenha, se puder, e quanto mais, melhor”.¹⁸⁷ Em diversas passagens de seus escritos¹⁸⁸ ela nos narrará o mal que lhe fizeram os “doutos pela metade”.¹⁸⁹ Compreende que suas experiências místicas precisam estar em unidade com as verdades dogmáticas e serão os eruditos a lhe ajudarem nesse percurso:

Em coisas difíceis, mesmo quando eu julgo entendê-las e dizer a verdade sobre elas, uso sempre a expressão “parece-me”. Se acontecer de eu me enganar, estou bem pronta a aceitar o que disserem os eruditos. Porque, ainda que não tenham passado por essas coisas, eles têm um não-sei-quê próprio dos grandes letrados. Como Deus os destina a iluminar a sua Igreja, quando se trata de uma verdade, dá-lhes luz para que a admitam; e se não são dissipados, mas servos de Deus, nunca se espantam com as Suas grandezas. [...] Enfim, quando se trata de coisas não perfeitamente esclarecidas, eles encontram meios de explicá-las por meio de outras já descritas. Através destas, veem que as primeiras são também possíveis. Tenho imensa experiência disso, bem como de semiletrados cheios de espanto, porque estes me custam muito caro.¹⁹⁰

¹⁸⁶ SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,14.

¹⁸⁷ Ibid., 13,17.

¹⁸⁸ Cf. Ibid., 5,3; 18,15; Id., Castelo Interior ou Moradas, 5,1,10.

¹⁸⁹ Ibid., 5,3.

¹⁹⁰ Id., Castelo Interior ou Moradas, 5,1,7-8.

Santa Teresa considera a ciência indispensável à missão do diretor espiritual e não hesita em proclamá-la útil, mesmo quando não é acompanhada pelo espírito de oração¹⁹¹:

E ninguém se engane, dizendo que os letrados sem oração não servem para quem a tem. Tenho lidado com muitos, porque de uns anos para cá minha necessidade tem sido maior. E sempre fui amiga deles, pois, mesmo que alguns não tenham experiência, não se opõem ao que é espiritual nem o ignoram, já que, nas Sagradas Escrituras que estudam, sempre acham a verdade do bom espírito. Tenho para mim que a pessoa de oração que se relacionar com letrados não será enganada pelas ilusões do demônio, se não quiser se enganar, porque, creio eu, os demônios temem muito a instrução humilde e virtuosa, sabendo que serão descobertos e prejudicados.¹⁹²

Parece ser esta uma profunda convicção de santa Teresa. Continuemos ouvindo o que ela nos diz a esse respeito:

Eu disse isso porque há quem pense que os letrados não servem para pessoas de oração se não seguirem o espírito. Já falei que o mestre espiritual é necessário; se, contudo, este não for instruído, há aí um grande inconveniente. Ajuda muito relacionar-se com pessoas instruídas; se forem virtuosas, mesmo que não sejam espirituais, trazem proveito, e Deus fará com que entendam o que precisam ensinar e até as tornará espirituais para que nos ajudem. E não o afirmo sem tê-lo experimentado; aconteceu-me com mais de dois.¹⁹³

Vemos que nossa doutora não estabelece comparação entre o valor da experiência e da ciência. Ela mostra que entre um diretor piedoso mas ignorante, e um sábio e virtuoso, é o diretor sábio que deve ser consultado. No princípio do caminho espiritual temos a necessidade de um diretor prudente, que ajudará a evitar os excessos sem destruir as belas iniciativas espirituais. Mas, também alertará que para os iniciantes “[...] os mestres que não fazem oração, ainda que sejam sábios, são de pouca ajuda”.¹⁹⁴ Vemos que mesmo quando entra na oração contemplativa ou recebe as primeiras graças sobrenaturais, tem necessidade de um diretor experiente: “E é grande o gosto da alma quando lhe fazem o seu retrato”.¹⁹⁵ Segundo Frei Maria-Eugenio é quando a alma entra nas “altas regiões da vida espiritual”, que terá maiores necessidades das luzes da ciência teológica

¹⁹¹ Cf. FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 361.

¹⁹² SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,18.

¹⁹³ Ibid., 13,19.

¹⁹⁴ Ibid., 13,16.

¹⁹⁵ Ibid., 14,7.

para esclarecer sua experiência.¹⁹⁶ No final de sua vida santa Teresa demonstrará uma acentuada preferência pelos diretores inteligentes e nos aconselha:

Por isso, é muito importante que o mestre seja inteligente – isto é, de bom entendimento e experiente. Se, além disso, tiver instrução, será perfeito. Contudo, não sendo possível achar as três coisas juntas, as duas primeiras são mais relevantes, porque, caso seja necessário, [...] podem recorrer aos letrados para alguma consulta.¹⁹⁷

De temperamento alegre e marcada pela busca da verdade, nossa santa nunca hesitou na procura por quem pudesse lhe oferecer luz para seu caminho espiritual¹⁹⁸, pois a luz é o fruto da verdade. É a partir de sua vida de oração que sente a necessidade da direção espiritual. Reconhecia em si Deus, principalmente nos tempos de oração, por isso, procurava quem em nome de Deus e da Igreja pudesse confirmá-la na verdade. Combatia qualquer possibilidade de erro contra a Igreja ou a qualquer verdade da Sagrada Escritura¹⁹⁹ e, com este zelo, sempre se submeteu, até o fim de sua vida, à doutrina da Igreja. Vale lembrar, que seus mestres espirituais são mediadores, pois Sua Majestade sempre foi seu Mestre.²⁰⁰ Buscará os instruídos, mas não dispensará a vida espiritual. Enaltece virtudes como a discipulação, a prudência, a doçura, a paciência e inclusive o amor recíproco, que será o fruto das relações que, neste nível de intimidade de espírito, Madre Teresa estabeleceu com a maior parte de seus confessores²⁰¹:

Trata-se de uma nova visão de “direção espiritual”, fundamentada no amor, na amizade promovida por Teresa. Ela amou os seus diretores de modo especial, mas sempre em perspectiva de uma terceira pessoa: Deus. Por outro lado, também ela se sente quase sempre amada por seus confessores.²⁰²

Não podemos ignorar o fato de que santa Teresa, de acompanhada torna-se acompanhadora, e o faz segundo o que acredita ser um bom diretor espiritual. Exercita essa missão entre aqueles que querem avançar na vida espiritual e na intimidade com Deus numa relação interpessoal, que leva à descoberta dos planos de Deus, na aceitação de um empenho pessoal e na identificação vital com o Senhor. Nossa doutora zela pela realização vocacional daqueles que estão ao seu

¹⁹⁶ Cf. FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 362.

¹⁹⁷ SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,16.

¹⁹⁸ Cf. Ibid., 10,8.

¹⁹⁹ Cf. Ibid., 33,5.

²⁰⁰ Cf. Ibid., 12,6.

²⁰¹ Cf. ÁLVAREZ SUÁREZ, A., *Accompagnamento spirituale*, p. 18-19.

²⁰² Ibid., p. 19. [TN].

redor. A valorização que dá ao diretor espiritual, a leva a rezar por eles, por essa vocação, e, ainda mais, a leva a tornar-se uma “mestra do espírito” empenhada em colaborar com o processo de discernimento dos que lhe eram confiados por Deus, dentre os quais podemos mencionar bispos, sacerdotes, religiosos, familiares, mas, em especial, suas monjas, pelas quais se sentia responsável pelo processo formativo.²⁰³

Vejamos como nossa doutora dedicou-se e pediu que suas monjas se dedicassem a oração pelos santos “mestres do espírito”.

7.3.2.

A oração pelos santos e doutos diretores espirituais

No imenso universo da espiritualidade teresiana, identificamos em santa Teresa aspectos doutrinários e espirituais que não apenas convergem com a espiritualidade e o carisma de santo Aníbal Maria, mas também podem colaborar com a ressignificação e o fortalecimento de seu Instituto feminino, as Filhas do Divino Zelo. Alavancamos nossa percepção, dentre outros aspectos, nas Constituições das Filhas do Divino Zelo, quando o próprio fundador, aponta-lhes o testemunho de “Maria-Marta”, oração e prática, como caminho de santificação para suas religiosas e para aqueles e aquelas que, por sua missão, lhes fossem confiados. Compreendemos que a oração pelas vocações, também feita transbordamento de amor entre o Amado e a amante, mesmo que se trate de uma infinita desproporção na qualidade do Amor, é um ato de caridade para com todo o Corpo Místico de Cristo, que padece pela falta dos bons operários para sua messe.

“Daria mil vidas para salvar uma só alma”²⁰⁴, é transbordamento de amor de Teresa, que unida ao Esposo, acolhe a Cruz como altar de sua oferenda, em união a Cristo, pelo bem da Igreja, pelo bem de toda a humanidade, pelo bem de uma única alma. Podemos dizer que uma vida entregue pela messe madura, pronta para a colheita e que não podia perder-se diante do amor de Cristo levado ao extremo ao entregar-se na Cruz. Teresa, amante e amada, filha da Igreja, não poucas vezes manifestou sua preocupação com aqueles que tinham nas mãos a condução do

²⁰³ Cf. ÁLVAREZ SUÁREZ, A., *Accompagnamento spirituale*, p. 19-21.

²⁰⁴ SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 1,2.

rebanho do Senhor. Como vimos, expressou em seus escritos a necessidade de santos e doutos orientadores, que conduzissem com sabedoria os que o Senhor lhes confiasse. Ela mesma experimentou a dor de não encontrar santos e sábios operários que bem a instruísse no caminho da oração. Diante de tais realidades pedia que se rezasse por esses santos e capacitados sacerdotes. Já no *Livro da Vida* nos dirá: “[...] é muito importante que o mestre seja inteligente – isto é, de bom entendimento e experiente. Se, além disso, tiver instrução, será perfeito”.²⁰⁵ No entanto, reconhece o quanto é difícil encontrar todas essas qualidades em um mestre de vida espiritual, o que não a faz negligenciar a consciência de que a Igreja necessita desses bons e preparados operários para bem instruir a todos os cristãos: “[...] todo o cristão deve procurar ter relações com quem a tenha [instrução], se puder, e quanto mais melhor; e os que seguem o caminho da oração têm mais necessidade disso, e tanto maior quanto mais espirituais forem”.²⁰⁶ Vimos que santa Teresa lamenta a falta de bons conselheiros:

Já sabeis que a primeira pedra deve ser a boa consciência; e, com todas as vossas forças, libertai-vos até de pecados veniais e segui o mais perfeito. Tem-se a impressão de que qualquer confessor sabe disso, mas trata-se de uma ilusão; aconteceu-me de tratar com um deles, que fizera todo o curso de teologia, de coisas de consciência, tendo ele me prejudicado muito ao não dar importância a certas faltas. E sei que ele não pretendia enganar-me, nem tinha razões para isso; simplesmente não tinha melhores recursos. O mesmo me aconteceu com outros dois ou três.²⁰⁷

Vemos que a santa sofreu com essa situação, e dirá que esse sofrimento se deu por mais de dezesseis anos.²⁰⁸ Dores semelhantes experimentaram outras de suas companheiras. Afirma ter encontrado almas encurraladas e aflitas devido à falta de experiência de seu mestre, tendo espírito, alma e corpo, afligidos por essa falta de um bom guia.²⁰⁹ Entende que, conselheiros pouco virtuosos podem ser muito perigosos, uma ruína, um inferno. Pede insistentemente que suas monjas estejam atentas a essa instrução, que busquem amizade com aqueles que, de fato, podem falar de Deus e conduzir para Deus, do contrário tudo pode se perder²¹⁰ e é dessa experiência que nasce o tipo de oração pelas vocações que se destaca em

²⁰⁵ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 13,16.

²⁰⁶ *Ibid.*, 13,17.

²⁰⁷ *Id.*, *Caminho de Perfeição*, 5,3. A esse respeito podemos ver: *Id.*, *Livro da Vida*, 6,4; 4,7; 5,3; 8,11; 26,3.

²⁰⁸ *Cf. Id.*, *Livro da Vida*, 5,3.

²⁰⁹ *Cf. Ibid.*, 13,14.

²¹⁰ *Cf. Id.*, *Caminho de Perfeição*, 4,14-16.

Teresa. A santa de Ávila reza pelos sacerdotes e religiosos cultos e santos, defensores da Igreja e não iludidos com o “canto das sereias desse mar perigoso”:

Eu vos peço que procureis agir de um modo que nos faça merecer alcançar de Deus estas duas coisas: a primeira é que, dentre os muitos eruditos e religiosos, haja muitos com as qualidades necessárias para isso, como tenho dito, e que o Senhor anime os que não estão muito dispostos, já que um perfeito fará mais do que muitos que não o sejam. A outra é que o Senhor os sustente, uma vez que estejam na batalha, que, repito, não é pequena, para que eles possam livrar-se dos inúmeros perigos que há no mundo e não ouvir o canto das sereias desse mar perigoso.²¹¹

Esta não é uma oração inútil. Afirmará que não há melhor oração. Mesmo a oração por si próprio para escapar às penas do purgatório não podia ser comparada à oração pelos santos mestres. Se suas orações fossem válidas para salvar uma ou muitas almas, valeria empenhar aí todas as suas energias, mesmo que precisasse esperar no purgatório o dia do juízo final. Seguiu essa regra por se tratar da glória de Deus e do bem de sua Igreja e é aqui que estão todos os seus desejos.²¹² Compreende que deve ser essa uma ânsia de toda a carmelita e as vê empenhadas nessa missão:

Não vos faço uma recomendação especial em prol dos reis e prelados da Igreja, em particular do nosso bispo, porque vos vejo tão cuidadosas nisso que me parece não ser necessário. Quanto às que vierem depois, que se deem conta de que, tendo um prelado santo, as suas súditas também o serão; sendo isso coisa tão importante, ponde-a sempre diante do Senhor. Quando as vossas orações, desejos, disciplinas e jejuns não estiverem voltados para isso de que falo, tende certeza de que não alcançais nem cumpris o objetivo para o qual o Senhor nos reuniu aqui.²¹³

A vida carmelita é pautada pelas necessidades da Igreja e, entre outras, a de ter pessoas capacitadas, destacadas do mundo, abrasadas do amor de Deus. Desejava que Deus tivesse a seu serviço santos homens que colaborassem na salvação das almas. Sofria ao considerar as grandes necessidades da Igreja e lhe parecia inaceitável sentir aflição por outras coisas. Por isso, rezava muito pelos letrados, por pessoas perfeitas e com verdadeiro fervor no amor de Deus do que muitas pessoas fracas.²¹⁴ Podemos dizer que Teresa vive o carisma do Rogate junto à Ordem Carmelita ao empenhar suas orações, seus jejuns e sacrifícios, pela santificação dos bispos e sacerdotes, confessores e mestres espirituais que

²¹¹ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 3,5.

²¹² Cf. Ibid., 3,6.

²¹³ Ibid., 3,10.

²¹⁴ Cf. Id., As Relações, 3,7.

colaboravam com a condução de tantos para a salvação eterna. Também poderíamos dizer que sua oração vocacional era a de súplica pela santificação dos operários da messe, em especial, pela santificação dos sacerdotes. Mais do que com a quantidade, preocupava-se com a qualidade daqueles que consagravam suas vidas a Deus se colocando a serviço da Igreja.

Nos passos de santa Teresa, santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face afirmará que a oração é a alavanca dada por Deus aos santos para que, abrasados com o fogo do amor, levantem o mundo. Santos de ontem e de hoje que se entreguem pela salvação da humanidade.²¹⁵ Nessa perspectiva, queremos adentrar nas fontes teresianas que nos dizem da oração, que nos dizem da força caritativa que é rezar pelo bem das pessoas, rezar para que Deus suscite no coração de cada criatura o anseio por responder a sua vocação à santidade pessoal e comum. Para santa Teresa, o primeiro modo de servir a Igreja, é viver de tal maneira, que suas orações sejam acolhidas. Era convicta que mesmo reclusas, combatiam em estreita solidariedade com os defensores da Igreja, ou seja, os doutos, os pregadores, os padres.

Em uma de suas visões místicas, ao compreender que o sacerdote que estava diante dela estava em pecado mortal, sentiu-se chamada pelo Senhor a rezar por ele e afirma: “Vi com nitidez que os sacerdotes estão mais obrigados a ser bons do que os outros [...]”.²¹⁶ Para santa Teresa, o sacerdote deve ser um homem instruído, responsável pelas almas que lhes são confiadas e sobretudo responsáveis pela eucaristia. São particularmente chamados à santidade, com a missão na Igreja de testemunhas e guias. Diante de uma Igreja ferida²¹⁷, como a de seu tempo, os sacerdotes são os capitães e suas monjas são chamadas a sustentá-los com suas orações²¹⁸:

Mas para que digo isso? Para que compreendais, irmãs minhas, que temos de pedir a Deus que neste castelinho, onde já temos bons cristãos, nenhum se passe para o lado adversário, e que os capitães deste castelo ou cidade, ou seja, os pregadores e teólogos, se tornem notáveis no caminho do Senhor. E, como a maioria deles pertence às ordens religiosas, suplicai que progridam em sua perfeição e vocação, o que é muito necessário, visto que o que nos há de valer, como tenho dito, é o braço eclesiástico, e não o secular. *Como nenhuma importância temos nem para um nem para o outro na defesa do nosso Rei, procuremos ser de tal maneira que nossas*

²¹⁵ Cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, Manuscritos “C”, 338.

²¹⁶ SANTA TERESA, Livro da Vida, 38,23.

²¹⁷ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 35,3.

²¹⁸ Cf. ÁLVAREZ, T., Sacerdote, p. 487.

*orações possam ajudar esses servos de Deus que, com tanto trabalho, se fortaleceram com o conhecimento e com uma vida santa, empenhando-se agora em ajudar o Senhor.*²¹⁹

Cristo é o Capitão do amor, os fiéis são os soldados de Cristo, os seus porta-bandeiras são as contemplativas em oração e capitães indispensáveis são os sacerdotes²²⁰:

[...] o que seria dos soldados sem os comandantes. [...] Porque se não agirem assim, sequer vão merecer o nome de comandantes; nem permita o Senhor que saiam de suas celas nessas condições, pois provocarão mais danos do que benefícios.²²¹

Ainda neste contexto, santa Teresa nos diz da missão do sacerdote:

[...] a eles cabe animar os fracos e encorajar os pequenos [...] Estes devem viver entre os homens e tratar com eles, estar nos palácios e, algumas vezes, conformar-se exteriormente com o que exigem as pessoas do mundo. Pensais, filhas minhas, que é preciso pouco para tratar com o mundo e nele viver, para cuidar de negócios do mundo e adaptar-se, como eu já disse, às conversas do mundo, sendo ao mesmo tempo estranho ao mundo e inimigo seu, vivendo nele como exilado, não sendo, enfim, um ser humano, mas um anjo?²²²

Para santa Teresa o aspecto testemunhal na vida dos sacerdotes é essencial, para isso precisam estar interiormente fortalecidos, desapegando-se das coisas do mundo e voltando-se para as coisas eternas²²³, realidade esta que compreendemos ser processual e sustentada pela graça de Deus na busca cotidiana pela santidade. São chamados à santidade, são corresponsáveis pelo caminho de santificação dos fiéis a eles confiados. A santidade é um postulado essencial para o sacerdote e sem a santidade interior terá menos eficácia na sua ação evangelizadora: “[...] que o Senhor anime os que não estão muito dispostos, já que um perfeito fará mais do que muitos que não o sejam”.²²⁴ A espiritualidade da carmelita se definirá como comunidade orante no interior da Igreja e pela Igreja, em especial pelos sacerdotes, pela santificação destes. Relembremos que Madre Teresa nos dirá que a missão da carmelita não estará se não viver desta maneira: “Quando as vossas orações, desejos, disciplinas e jejuns não estiverem voltados para isso de que falo,

²¹⁹ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 3,2. Grifo nosso.

²²⁰ Cf. ÁLVAREZ, T., Sacerdote, p. 487.

²²¹ SANTA TERESA, op. cit., 3,3.

²²² Ibid., 3,3.

²²³ Cf. Ibid., 3,4.

²²⁴ Ibid., 3,5.

tende certeza de que não alcançais nem cumpris o objetivo para o qual o Senhor nos reuniu aqui”.²²⁵

Santa Teresa propõe como objetivo principal a oração pelos sacerdotes, devido à grande missão que cabe a estes no contexto eclesial. Esta explicitação do carisma está enraizada na experiência da própria santa, como vemos em seus escritos:

Sinto em mim um desejo enorme, maior do que de costume, de que Deus tenha pessoas que O sirvam com todo o desapego e que em nada das coisas de cá se detenham – porque vejo que é tudo engano –, particularmente letrados; porque, como vejo as grandes necessidades da Igreja, que muito me afligem, pois me parece equívoco ter pesar por outra coisa, nunca deixo de encomendá-los a Deus: é que vejo que seria mais proveitosa uma pessoa perfeita de todo e com verdadeiro fervor no amor de Deus do que muitas fracas.²²⁶

Santa Teresa assume a oração pelos sacerdotes como meio de ajudar no caminho de santificação de cada um, com fins da salvação deles próprios e da messe que lhes é confiada. Vemos aqui um profundo encontro com o carisma e espiritualidade de santo Aníbal Maria. Ambos conheceram, mesmo que em tempos diferentes, as necessidades da Igreja e souberam reconhecer na oração pelas vocações, em especial, as vocações sacerdotais, um bálsamo para as chagas do Senhor na vida de cada pessoa. Entendemos que zelo semelhante tinham pela vida de suas religiosas, pois ambos deixaram rica herança espiritual e formativa para suas famílias religiosas. Por fim, afirmamos que ambos tinham preocupação com a vocação em seu sentido primeiro, isto é, o chamado à vida, ao cuidado com o dom recebido por Deus para que se concretizasse em eternidade desde o tempo presente, pois, do que serviria um sacerdote ou uma religiosa que não resplandessem a santidade do Senhor na vida de seus irmãos e irmãs com vistas à eternidade em Deus? Cuidar dessas vocações é cuidar da vocação de todos os batizados, para que enxertados no Corpo Místico do Senhor, prossigam em sua missão conforme a vontade de Deus.

Prossigamos adentrando a terceira parte de nossa pesquisa, onde buscaremos as luzes vindas da espiritualidade teresiana para iluminar a herança espiritual-carismática que santo Aníbal Maria confiou às Filhas do Divino Zelo.

²²⁵ Caminho de Perfeição, 3,10.

²²⁶ Id., As Relações, 3,7.